



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
BACHARELADO DE LETRAS CLÁSSICAS – LATIM E GREGO

ANA PAULA SILVA SANTOS

TRADUÇÃO DO LIVRO III DO *PRIMEIRO MITÓGRAFO DO VATICANO*

Salvador – Bahia  
2021

ANA PAULA SILVA SANTOS

TRADUÇÃO DO LIVRO III DO *PRIMEIRO MITÓGRAFO DO VATICANO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Língua Estrangeira – Moderna ou Clássica, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras Clássicas – Latim e Grego.

Orientador:  
Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho

Salvador – Bahia  
2021

ANA PAULA SILVA SANTOS

TRADUÇÃO DO LIVRO III DO *PRIMEIRO MITÓGRAFO DO VATICANO*

---

Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho (UFBA)  
Orientador

---

Profa. Dr.<sup>a</sup>. Tereza Pereira do Carmo (UFBA)  
Examinadora

---

Profa. Ma. Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida  
Examinadora

Salvador – Bahia  
2021

## AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo.

Ao meu estimado orientador José Amarante, pela generosidade, atenção, dedicação, paciência e por ter sempre me guiado nos Estudos Clássicos.

Ao meu querido esposo Wilson Porto, por todo seu amor, paciência e, principalmente, por ter dedicado seu tempo cuidando de Ana Beatriz, nossa filha, para que este trabalho fosse realizado.

Aos meus amigos, em especial a Sebastião Júnior pela amizade sincera.

Aos professores examinadores, por dedicarem seu tempo e conhecimento para analisar e contribuir com o meu trabalho.

Aos funcionários do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA), em especial a Silvia Andrade, pela assistência dedicada no apoio às nossas necessidades.

Finalmente, a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização do presente trabalho.

## RESUMO:

Este trabalho consiste em uma proposta de tradução do Livro III, do Primeiro Mitógrafo do Vaticano, para a língua portuguesa. O Primeiro Mitógrafo é um dos três autores anônimos que faz parte do grupo conhecido como Mitógrafos do Vaticano, que tiveram suas obras descobertas por Angelo Mai em 1831. A obra do Primeiro Mitógrafo, situada entre as últimas décadas do século IX e os finais do século XI, é uma compilação mitográfica reinterpretada sob a ótica cristã durante a Idade Média. A tradução proposta é acompanhada de algumas notas e de um estudo sobre a obra, destacando as fontes utilizadas pelo mitógrafo, o manuscrito e as edições.

*Palavras-chave:* Mitógrafos do Vaticano; Primeiro Mitógrafo; Tradução.

## ABSTRACT:

This work consists of a translation of Book III, by the First Vatican Mythographer, into Portuguese. The First Mythographer is one of three anonymous authors who are part of the group known as the Vatican Mythographers, whose works were discovered by Angelo Mai in 1831. The work of the First Mythographer, located between the last decades of the 9th century and the end of the century XI, is a mythographic compilation reinterpreted from a Christian perspective during the Middle Ages. The proposed translation is accompanied by some notes and a study of the work, highlighting the sources used by the mythographer, the manuscript and the editions.

*Keywords:* Vatican Mythographers; First Mythographer; Translation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>		<b>08</b>	
<b>1. PRIMEIRO MITÓGRAFO</b>		<b>11</b>	
1.1 As fontes do Primeiro Mitógrafo		12	
1.2 Manuscrito preservado		12	
1.3 Edições do <i>Primeiro Mitógrafo</i>		13	
1.4 Traduções		14	
1.5 Método de composição do Primeiro Mitógrafo		14	
<b>2 BREVE CONSIDERAÇÕES ACERCA DA TRADUÇÃO</b>		<b>18</b>	
2.1 Tradução do Livro III		21	
<i>MYTHOGRAPHVS VATICANVS PRIMVS – LIBER III</i>		<b>PRIMEIRO MITÓGRAFO DO VATICANO – LIVRO III</b>	
1. <i>De genealogia deorum et heroum</i>	22	1. Sobre a genealogia dos deuses e heróis	22
2. <i>Fabula de duplici nomine et casu Phlegyae</i>	28	2. Fábula sobre o duplo nome e o caso de Flégias	28
3. <i>Historia de Laconum filiis incertis parentibus natis</i>	29	3. História sobre os filhos dos Lacedemônios, nascidos de pais incertos	29
4. <i>Fabula Iouis et Thetidis et Achillis</i>	30	4. Fábula de Júpiter, Tétis e Aquiles	30
5. <i>De nuptiis Pelei et Thetidis</i>	30	5. Sobre o casamento de Peleu e Tétis	30
6-7. <i>Fabula de Achille et Agamemnone et mortis Hectoris</i>	31	6-7. Fábula sobre Aquiles, Agamemnon e a morte de Heitor	31
8. <i>De Troili casu</i>	34	8. Sobre o caso de Troilo	34
9. <i>De uictoria Hectoris et fuga Palamedis</i>	34	9. Sobre a vitória de Heitor e a fuga de Palamedes	34
10. <i>Historia de Priami filio occiso a patre</i>	35	10. História sobre o filho de Príamo morto por seu pai	35

11. <i>De morte Priami uaria opinio</i>	36	11. Sobre as diferentes versões da morte de Príamo	36
12-13. <i>Fabula Didonis et historia &lt;S&gt;aturni</i>	37	12-13. Fábula de Dido e a história de Saturno	37
14. <i>Item de Didone et condita Carthagine</i>	38	14. Da mesma forma sobre Dido e a fundação de Cartago	38
15. <i>De Anchise et Venere</i>	39	15. Sobre Anquises e Vênus	39
16. <i>Historia Dionysii tyranni</i>	39	16. História de Dioniso, o tirano	39
17. <i>Historia Reguli consulis Romanorum</i>	40	17. História de Régulo, cônsul dos Romanos	40
18. <i>Historia de uictoria Torquati et parricidio</i>	41	18. História sobre a vitória e o parricídio de <i>Torquatus</i>	41
19. <i>Historia de Camilli uictoria</i>	42	19. História sobre a vitória de Camilo	42
20. <i>De septem ciuilibus bellis Romanis</i>	43	20. Sobre as sete guerras civis dos Romanos	43
21. <i>Historia de Atilii fortuna</i>	44	21. História sobre a fortuna de Atílio	44
22. <i>De trecentis Fabiis occisis et uno superstite</i>	44	22. Sobre os trezentos Fábios mortos e o único sobrevivente	44
23. <i>De Marcelli uictoria</i>	45	23. Sobre a vitória de Marcelo	45
24. <i>De laudibus et morte alterius Marcelli</i>	46	24. Sobre a glória e a morte de outro Marcelo	46
25. <i>De deo Fatuo et dea Fatua</i>	47	25. Sobre o deus Fátuo e a deusa Fátua	47
26. <i>&lt;De portis somniorum&gt;</i>	47	26. <Sobre as portas do sono>	47
27. <i>Fabula Endymionis et Lunae</i>	48	27. Fábula de Endimião e de Luna	48
28. <i>Fabula Berecynthiae et Attin&lt;is&gt;</i>	49	28. Fábula de Berecíntia e de Átis	49
29. <i>Fabula Psyche&lt;s&gt; et Cupidinis</i>	50	29. Fábula de Psiquê e Cupido	50
30. <i>Fabula Perdiccae</i>	52	30. Fábula de Pérdicas	52
31. <i>Fabula Canis inter sidera[s] translati</i>	53	31. Fábula de Cão transportado entre as constelações	53
32. <i>De septem Pliadibus</i>	55	32. Sobre as sete Plêiades	55

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** **57**

**REFERÊNCIAS** **58**

## INTRODUÇÃO

O interesse em estudar o Primeiro Mitógrafo do Vaticano surgiu ainda na Iniciação Científica por meio do estudo da obra “As Mitologias” de Fulgêncio no final de 2015. Nesse ano, eu já estava finalizando a primeira graduação, mas desde o começo do curso, em 2011, os Estudos Clássicos despertavam-me interesse. Cursei várias disciplinas e fui monitora das disciplinas Introdução ao Estudo da Língua Latina (LET A12) e Leitura de Textos em Língua Latina (LET A18). Após finalizar o curso de Letras Vernáculas, reingressei no curso de Letras Clássicas e, em paralelo ao curso, fui aprovada no mestrado acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, em que minha pesquisa se centrou na tradução do Livro I do Primeiro Mitógrafo do Vaticano<sup>1</sup>. A partir do mestrado, continuei a estudar o Primeiro Mitógrafo, agora me dedicando a tradução do Livro III, que é o estudo aqui proposto.

Em vista disso, é importante destacar a importância desse estudo que faz parte de um projeto maior, desenvolvido pelo professor José Amarante, sob o título *As ‘Mitologiae’ de Fulgêncio. Uma visão dos mitos pagãos na transição da Antiguidade tardia para a Idade Média. Tradução e Análise*, por meio de uma pesquisa que foi realizada na Universidade de Siena, na Itália. Esse projeto já foi realizado e, além do mais, todas as obras de Fulgêncio foram traduzidas para a língua portuguesa<sup>2</sup>.

É importante ressaltar também a relevância desse estudo, em que a tradução proposta, do Livro III do Primeiro Mitógrafo do Vaticano, é a primeira para a língua portuguesa. Além do mais, não há muitos estudos no Brasil e em outros países sobre os Mitógrafos do Vaticano, que são considerados uma importante fonte da mitologia greco-latina, pois, por se tratar de uma compilação de mitos, esses mitógrafos, talvez, podem fornecer fontes

---

<sup>1</sup> O Livro I foi meu objeto de pesquisa da dissertação, intitulada “O Livro I do Primeiro Mitógrafo do Vaticano: Estudo Introdutório, Tradução e Notas”, em nível de mestrado, em 2020 na Universidade Federal da Bahia, no Programa de Literatura e Cultura (PPGLitCult), sob a orientação do professor José Amarante Santos Sobrinho.

<sup>2</sup> Além das “Mitologias” de Fulgêncio estudada e traduzida para língua portuguesa pelo professor José Amarante, as outras três obras (*Expositio Sermonum Antiquorum*, *Expositio Virgilianae Continentiae*, e a *De Aetatibus Mundi et Hominis*) do autor também foram traduzidas. A saber: a dissertação de mestrado “A Exposição dos conteúdos de Virgílio, de Fulgêncio: estudo introdutório e tradução anotada”, de Raul Oliveira Moreira; a dissertação de mestrado “A *Expositio sermonum antiquorum* de Fulgêncio, o Mitógrafo: estudo introdutório, tradução e notas”, de Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida; e a tradução lipogramática da obra *De Aetatibus Mundi et Hominis* por Cristóvão José dos Santos Júnior, que também foi seu objeto de pesquisa do doutorado. Todos esses trabalhos foram desenvolvidos sob a orientação do professor José Amarante.



da recepção de vários autores da Antiguidade clássica, como Fulgêncio, que é fonte para essas três compilações de mitos. Ressalta-se que, com este estudo, o leitor de língua portuguesa poderá ter acesso a uma obra de um outro período, pouco conhecida e traduzida para sua língua.

Cabe agora salientar que, os Mitógrafos do Vaticano são três obras de autores anônimos que foram descobertas por Angelo Mai, na época em que era prefeito da Biblioteca do Vaticano. Mai publicou, em 1831, esses volumes que foram compostos durante a Idade Média. Essas obras, editadas sob o título *Classicorum auctorum e Vaticanis codicibus editorum volumina III*, são manuais de narrativas mitológicas greco-romanas e romanos, que tinham por objetivo não só salvar os mitos clássicos mas também transmitir os conhecimentos contidos neles à luz da filosofia moral cristã.

Esses Mitógrafos, após três anos de sua edição *princeps*, tiveram uma nova edição publicada por Georgius Henricus Bode em 1834. Esses autores anônimos, a princípio, foram estudados conjuntamente e vistos como tendo uma única entidade autoral, mas agora eles são tratados individualmente. Assim, essas obras e autores anônimos são reconhecidos por Primeiro, Segundo e Terceiro Mitógrafos.

A obra do Primeiro Mitógrafo possui um único manuscrito, o *Vaticanus Latinus Reginensis* 1401. Conforme a edição crítica mais recente, o *Primeiro Mitógrafo* apresenta 233 mitos narrados, dividida em três livros: o primeiro contém 100 narrativas mitológicas, o segundo 101 e o terceiro 32<sup>3</sup>. O Segundo Mitógrafo está preservado em mais de 10 manuscritos e possui um total de 275 narrativas, conforme a edição crítica mais recente de Péter Kulcsár. E a obra do Terceiro Mitógrafo é preservada em mais de quarenta manuscritos e possui 15 longas narrativas, baseadas em obras de autores antigos e tardo-antigos.

Além dessa introdução e das considerações finais, o presente trabalho divide-se em duas seções. Na primeira, intitulada “*Primeiro Mitógrafo*”, buscamos apresentar a obra do Primeiro Mitógrafo do Vaticano, destacando os livros, a organização dos mitos, o autor e suas fontes. Em seguida, apresentaremos as fontes do Primeiro Mitógrafo e destacaremos as que são consideradas principais. Também apresentaremos o manuscrito, as edições e as traduções existentes. E, por fim, evidenciaremos o método de composição do Primeiro Mitógrafo, expondo como esse autor constrói suas narrativas a partir de suas fontes.

---

<sup>3</sup> Cf. Zorzetti; Berlioz (2003, p. XII).

Já na segunda seção, intitulada “Breve considerações acerca da tradução”, discorreremos acerca do processo tradutório, descrevendo as escolhas utilizados no decorrer desse processo, bem como os usos de notas explicativas, o processo de escolhas das palavras para a tradução na língua de chegada. Logo após, traremos o texto latino do Livro III, conforme a edição crítica de Zorzetti e Berlioz (2003), seguido de nossa proposta de tradução para a língua portuguesa, e de algumas notas.

## 1. PRIMEIRO MITÓGRAFO

A obra do Primeiro Mitógrafo, preservada em um único manuscrito, o *Vaticanus Latinus Reginensis 1401*, costuma ser situada entre as últimas décadas do século IX e os finais do século XI. De acordo com a edição crítica mais recente, a que seguimos para nossa proposta de tradução, a de Zorzetti e Berlioz (2003), que conta com a tradução realizada por Jacques Berlioz e com notas produzidas por Nevio Zorzetti, a obra do Primeiro Mitógrafo apresenta um total de 233 mitos narrados, que estão divididos em três livros desiguais: o primeiro livro contém 100 fábulas, o segundo 101 e o terceiro 32, sendo que este último é iniciado por uma longa genealogia dos deuses e heróis.

Essa obra é uma compilação de narrativas mitológicas, que foram reinterpretadas alegoricamente com intuito de trazer uma moralidade cristianizada, uma vez que, conforme Roland Pepin (2008) nos revela, é durante a Idade Média que surgem manuais de histórias mitológicas que podiam facilitar a leitura e a reapropriação dos poetas clássicos que estavam na base do ensino escolar. Dessa forma, as fábulas do Primeiro Mitógrafo pode ser considerada um “manual”, tendo por objetivo a preservação e a transmissão dos mitos clássicos, mas, de acordo com propósitos cristãos.

Quanto às fábulas do Primeiro Mitógrafo, elas são apresentadas sem nenhuma ordem nem propósito aparente, a não ser um pequeno grupo seletivo de mitos correlacionados, como as fábulas que abordam os trabalhos de Hércules e a Guerra de Troia. Seja como for, podemos notar que há uma tentativa do autor em organizá-las, de acordo com o critério de agrupamento temático, como podemos observar no Livro III, em que alguns mitos estão relacionados com a Guerra de Troia. As narrativas se apresentam em versões de diversas extensões; algumas são narradas de forma mais longa, chegando a 82 linhas na edição crítica, como é o caso da fábula *De Genealogia deorum et heroum* (3,1), que trata de uma longa genealogia dos deuses e heróis, outras vezes são narradas de forma sucinta, como é o caso da fábula *De deo Fatuo et dea Fatua* (3, 25) do mesmo livro, que se registra em um pouco mais de duas linhas.

O autor dessa obra é anônimo, cristão, e não faz parte do rol de autores considerados clássicos. Contudo, o Primeiro Mitógrafo, assim denominado, se apropriou de diversos textos de autores tomados como cânones da literatura clássica para a composição de suas narrativas mitológicas. Esse autor é geralmente visto como sendo diferente do Segundo e Terceiro Mitógrafos devido a algumas questões relacionadas à

forma e ao estilo, em que suas narrativas e a interpretação alegórica parecem ser menos extensas se comparadas aos outros dois mitógrafos.

Além do mais, alguns autores apontam que, embora o Primeiro Mitógrafo cite alguns autores da Antiguidade clássica, —Virgílio, Horácio, Ovídio, Estácio—, e empregue fontes não nomeadas, como Sérvio, Higino e Fulgêncio, ainda assim esse autor parece ter consultado poucas fontes em relação aos Mitógrafos Segundo e Terceiro<sup>4</sup>. Desse modo, é importante destacar alguns nomes desses autores que contribuíram significativamente para a produção das narrativas mitológicas do autor aqui estudado.

### 1.1 As fontes do Primeiro Mitógrafo

A obra do Primeiro Mitógrafo apresenta diferentes fontes em sua composição e é por meio da comparação da narrativas desse autor com outras obras que podemos perceber uma forte dependência do *Primeiro Mitógrafo* com obras da Antiguidade e da Idade Média. É importante notar, ao se comparar, a relação de semelhança dessa obra com vários textos antigos, sejam por citação direta ou indireta, como os comentários das três obras de Virgílio por Sérvio, os escólios a Estácio, as *Etymologiae*, de Isidoro de Sevilha, a *De astronomia*, de Higino, as *Narrationes fabularum Ouidianarum*, atribuída a Lactâncio, e as *Mythologiae* de Fulgêncio, entre tantas outras obras. Contudo, é importante frisar que os autores Sérvio, Estácio e Lactâncio Plácido são considerados as principais fontes do Primeiro Mitógrafo por terem fornecido uma parte considerável de materiais para a obra<sup>5</sup>.

Portanto, conforme Zorzetti e Berlioz (2003) destacam, é inegável a influência das obras antigas sobre essa, uma vez que há vários extratos presentes nela que remontam aos autores antigos, como também às fontes desses autores, como é o caso de Sérvio, que teve seu texto copiado, muitas vezes, sem sofrer qualquer tipo de alteração.

### 1.2 Manuscrito preservado

A obra do Primeiro Mitógrafo do Vaticano é preservada em um único manuscrito, o *Vaticanus Latinus Reginensis 1401*, que apresenta outras composições, além da obra a

---

<sup>4</sup> Cf. Pepin (2008, p. 6).

<sup>5</sup> Cf. Zorzetti; Berlioz (2003, p. XII).

que nos dedicamos aqui. Assim sendo, apresentamos a seguir um quadro (1), expondo as composições que estão presentes no manuscrito, organizado e elaborado a partir dos autores franceses, Zorzetti e Berlioz:

Quadro 1 – Composição do ms. *Vat. Lat. Reg. 1401*

Fól. 1 <sup>r</sup> -28 <sup>v</sup>	Fábulas do Primeiro Mitógrafo
Fól. 29 <sup>r</sup> -72 <sup>v</sup>	Índice e fábulas do Segundo Mitógrafo
Fól. 73 <sup>v</sup>	Inventário de uma pequena biblioteca
Fól. 47 <sup>r</sup> -81 <sup>v</sup>	Comentário a Pérsio de Cornuto (mutilado)
Fól. 82 <sup>r</sup> -101 <sup>v</sup>	<i>Liber Satyrarum Persii non textus sed commentum</i> , isto é, um comentário a Pérsio
Fól. 102 <sup>r</sup> -112 <sup>v</sup>	Fragmento de um texto médico
Fól. 113 (recto e verso)	Reutilizado como uma folha de proteção e encontrado apenas no inventário de Teoli, contém um fragmento da <i>Historia de Anthioco rege Apolloni</i> .

Fonte: Adaptado de Zorzetti e Berlioz (2003, p. XLVI)

No quadro 1 acima, podemos observar que o manuscrito é composto de seis partes diferentes e, além das narrativas míticas do Primeiro Mitógrafo do Vaticano nos fólhos 1 recto ao 28 verso, o documento também inclui outras diferentes composições, como, por exemplo, nos fólhos 29 recto ao 72 verso, em que há o índice e as fábulas do Segundo Mitógrafo. Vale ressaltar também que o estado das folhas desgastadas, que essas composições apresentam, provam que elas circularam individualmente e depois foram reunidas em um único códice, sendo que sua nova encadernação, em couro, nos remete ao século XVII (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. XLVI).

### 1.3 Edições do *Primeiro Mitógrafo*

A obra do Primeiro Mitógrafo do Vaticano teve sua edição *princeps* impressa em 1831, em Roma, intitulada *Classicorum auctorum e Vaticanis codicibus editorum volumina III*, sob os cuidados do editor Angelo Mai. Nessa edição, Mai publicou a coleção completa dos *Mythographi Vaticani*.

Logo após a edição de Mai, surge uma nova edição de *Georgius Henricus Bode*, em 1834, ou seja, três anos depois. Essa edição de Bode, sob o título de *Scriptores rerum mythicarum Latini Tres Romae nuper reperti*, publicada em Celle, aponta e revê alguns equívocos cometidos por Mai, devido à sua apressada publicação. Em 1986 (Hildesheim),

houve uma reimpressão dessa mesma obra, baseada na edição de Bode. A partir dessas duas edições supramencionadas, seguiram-se outras, descritas abaixo:

- KULCSÁR, P. (ed.). *Mythographi Vaticani I et II*. Turnhout: Brepols, 1987.
- ZORZETTI, N. *La Costruzione medievale della mitologia classica*. Studi sul testo e le fonti dei Mitografi Vaticani I e II. 1 Fabularius A [Premier Mythographe], Trieste, 1988.
- ZORZETTI, N.; BERLIOZ, J. *Premier Mythographe du Vatican, texte établi par N. Zorzetti et traduit par J. Berlioz*. Paris: Les Belles Lettres, 1995.
- ZORZETTI, N.; BERLIOZ, J. *Primer Mythographe du Vatican, texte établi par N. Zorzetti et traduit par J. Berlioz*. 2<sup>a</sup> ed. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

#### 1.3.1 Traduções:

- ZORZETTI, N.; BERLIOZ, J. *Premier Mythographe du Vatican, texte établi par N. Zorzetti et traduit par J. Berlioz*. Paris: Les Belles Lettres, 1995.
- ZORZETTI, N.; BERLIOZ, J. *Primer Mythographe du Vatican, texte établi par N. Zorzetti et traduit par J. Berlioz*. 2<sup>a</sup> ed. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- DAIN, Ph. *Mythographes du Vatican I. Traduction et commentaire Ph. Dain*. Besançon: Université de Franche-Comté, 1995, p. 5-245. (Annales littéraires de l'Université de Besançon, 579).
- PEPIN, R. E. *The Vatican mythographers*. New York: Fordham University Press, 2008.
- BASILE, B. *Mitografi Vaticani. Cento "fabulae"*. Roma: Carocci, 2013<sup>6</sup>.

#### 1.4 Método de Composição do Primeiro Mitógrafo

O Livro III do Primeiro Mitógrafo, como já mencionado anteriormente, possui um total de 32 mitos narrados; o primeiro trata de uma longa genealogia dos deuses e heróis e o restante das narrativas, são mitos gregos. Alguns estão relacionados com a Guerra de Troia e outros tratam de alguns eventos relacionados ao tema bélico. Nesse Livro III, é

---

<sup>6</sup> Essa tradução, para o italiano, apresenta somente a seleção de 100 fábulas dos três Mitógrafos do Vaticano.

possível notar que o mitógrafo tenta reunir as narrativas que retratam ou que tem relação com guerra, ou melhor, com a disputa de poder.

Com relação às narrativas mitológicas, elas variam no que diz respeito a sua extensão. Algumas dessas são apresentadas de forma sucinta e direta, outras vezes se apresentam com arranjos mais complexos, apresentando duas partes estruturais: narração e uma espécie de conclusão. Todavia, às vezes encontramos apenas a narração, a narração seguida de uma explicação ou apenas a explicação (cf., por exemplo, a <*De portis somniorum*>, 3, 26). Além dessas estruturas, a fórmula compositiva se completa com uso da técnica de colagem e o recurso à etimologia.

Nas fábulas (6-7) *Fabula de Achille et Agamemnone et mortis Hectoris*, encontramos apenas a técnica compositiva da narração, conforme se vê:

*1 Achilles, Thetidis et Pelei filius, cum quinquaginta nauibus de Larissa ciuitate Agamemnoni et Menelao Atridis auxilium aduersus Troianos tulit. 2 Et cum plerasque per indutias Agamemnon cum exercitu suo armis loca obsederat, Achilles finitimas urbes cum suis Myrmidonibus expugnauit, inter quas Thebas et Larnesum, et pulcherrimas duas Pressidem et Gressidam adiungit sibi. 3 Interea pestilentia Graecorum exercitum inuasit; et mxonitis) Calchantis Agamemnon uictus Gressidam patri Heresi, sacerdoti Apollinis, reddidit dicens Achillem id facere debere. 4 Ac propter hoc inter eos <lis fuit> usque quo in caedem mutuam uterque exarsit exercitus, ut uix Minerua eorum contentionem sedaret.*

*5 Post hoc Achilles Troianis feliciter pugnantibus aliquandiu non repugnauit. 6 Ad extremum, uero, cum Hector uictis Graecis etiam naues eorum incenderet et in ipsis castris pugnaret, Patroclus, armiger Achillis, cum armis eius procedens ad pugnam, ab Hectore occisus est armis ablatiis. 7 Quo dolore ille incitatus cum uellet pugnare et arma non haberet, a matre Thetide Vulcani arma accepit. 8 Quibus indutus cum se pugnae restituisset et plurimos Troianos occidisset, cum ipso Hectore singulari certamine congressus est. 9 Quem occisum spoliavit armis eiusque corpus curru subligatum circumferri fecit; quod Priamus auro compensatum ad humandum redemit, inermis egressus. (fab., 3, 7-6)*

1 Aquiles, filho de Tétis e Peleu, veio da cidade de Larissa com cinquenta navios para ajudar os Átridas, Agamemnon e Menelau, contra os Troianos. 2 E no decorrer de umas tréguas, Agamemnon, com seu exército e armas, tinha sitiado certos lugares, enquanto Aquiles, com seus Mirmidões, combateu cidades vizinhas, entre as quais Tebas e Lirnesso, também juntou para si as duas mais belas, Briseida e Criseida. 3 Durante esse tempo, uma pestilência caiu sobre o exército dos gregos; e Agamemnon, por advertência de Calcas, devolveu Criseida ao pai Crises, sacerdote de Apolo, dizendo que Aquiles deveria fazer o mesmo. 4 Por causa dessa desavença entre eles, que o exército se inflamou para o massacre mútuo, de tal forma que, com dificuldade, Minerva apaziguaria o conflito deles.

5 Depois disso, Aquiles por algum tempo não lutou contra os Troianos, que lutavam com sorte. 6 No final, como Heitor, após ter vencido os gregos, tinha incendiado as naves dos gregos e tinha levado o combate para dentro de seu próprio acampamento, Pátroclo, amigo de Aquiles, com a armadura deste avançou para lutar, mas foi morto por Heitor e teve suas armas retiradas. 7

Como Aquiles, incitado pela dor, queria lutar e não tinha armas, recebeu de sua mãe Tétis as armas de Vulcano. 8 Coberto com elas, ele retornou ao combate e assassinou muitos Troianos, como o próprio Heitor foi morto em um só combate. 9 Ele despojou o morto de suas armas e fez o cadáver dele circular amarrado em sua carruagem; Príamo, por uma grande quantidade de ouro, resgatou o corpo de seu filho para prestar-lhe um sepultamento, saindo da cidade desarmado. (Tradução nossa)<sup>7</sup>

Nessas fábulas (6-7), é possível notar que o mitógrafo parece estar preocupado em registrar um dos eventos mais famosos da literatura clássica como forma de preservá-lo. O Primeiro Mitógrafo, por meio da narração, relata de forma sucinta a Guerra de Troia. Para isso, ele seleciona os momentos que ele considera mais importantes: a querela entre Agamêmnon e Aquiles, que fez com que o herói saísse da guerra; a morte do amigo de Aquiles, Pátroclo; e a morte de Heitor. Assim, o Primeiro Mitógrafo resume a *Ilíada*, contada em 15000 versos, atribuída a Homero. Contudo, há outras narrativas que o mitógrafo segue relatando que estão relacionadas também com a Guerra de Troia, seja por algum evento ou seja por apresentar um personagem da Guerra.

O Primeiro Mitógrafo também utiliza muito a narração seguida de explicação, como podemos notar na *Fabula Endymionis et Lunae*:

*1 Endymion pastor amasse dicitur Lunam seu Dianam; qui spretus pauit pecora candidissima et sic eam in suos illexit amplexus; cuius rei mysticam quandam uolunt rationem. 2 Duplo quippe modo amasse dicitur Lunam. 3 Seu quod primus hominum cursum lunae inuenerit, unde et triginta annis dormisse dicitur, quia nihil aliud in uita sua nisi huic repertioni studuit. 4 Siue quod nocturni roris humor, quem tam siderum quam ipsius lunae uapores a[n]imandis herbarum sucis insudant, pastoralibus prosit successibus. (fab., 3, 27)*

1 Diz-se que o pastor Endimião amou a Lua, ou Diana; como ela o desprezou, ele começou a pastorear um rebanho de ovelhas muito branco e, assim, a atraiu para seu abraço; queremos dar uma certa explicação simbólica para esse fato. 2 De duas maneiras, com efeito, diz-se que ele amou a Lua. 3 Ou porque ele foi primeiro dos homens que descobriu o curso da lua, daí diz-se que ele dormiu por trinta anos, porque ele, em sua vida, não se dedicou a mais nada, a não ser a sua descoberta 4 Ou porque as gotas de orvalho da noite, que os vapores - tanto das estrelas quanto da própria lua - exalam a partir seivas que nascem das plantas, são úteis para o desenvolvimento pastoril.

Nessa narrativa, podemos verificar que sua estrutura apresenta duas partes: uma narração, contando o mito de Endimião, no item 1, e a explicação, em que o fato de Endimião amar a lua pode ser entendido de duas formas, podendo ser encontrada no final do item 1-4. Além do mais, nessa mesma narrativa, além da narração seguida da explicação, podemos ver que o mitógrafo utiliza a técnica de colagem, em que o item 1 do mito foi copiado dos comentários de Sêrvio as *Geórgicas* de Virgílio (*geor.*, 3, 391),

---

<sup>7</sup> As traduções que estão presentes nesse trabalho são nossas, caso não seja indicaremos o tradutor.



por meio de algumas alterações e desprezos de excertos. Já os itens 2-4 foram baseados em Fulgêncio (*mith.*, 2, 16) e no Mitógrafo 2 (38), o autor não copia por completo os textos de Fulgêncio e do Segundo Mitógrafo, mas é possível notar as semelhanças entre o texto do Primeiro Mitógrafo e as outras duas versões da narrativa mítica.

Além das estruturas narrativas, há um outro recurso muito utilizado pelo Primeiro Mitógrafo em seus textos que é o uso da etimologia. Assim, podemos verificar na *Fabula Berecynthiae et Attin<is>*:

*1 Berecynthia, Mater Deorum, Attin puerum formosissimum amasse dicitur, quem zelo succensa castrando semimasculum fecit. 2 Berecynthiam dici uoluerunt quasi montium dominam; ideo Matrem Deorum, quod deos pro superbia nuncupari uoluerunt. 3 Et inde Matrem Deum in modum potentiae ponunt, unde Cibeles dicitur quasi cid[b]os bebeon, id est gloriae firmitas. 4 Ergo potentiae gloria semper et amore torretur et liuore torquetur citoque abscidit quod diligit, dum tamen amputet illud quod odit. (fab., 3, 28)*

1 Diz-se que Berecintia, mãe dos deuses, amou Átis, um jovem muito bonito: inflamada pelo ciúmes, ela, tendo-o castrado, fez dele um eunuco. 2 Quiseram dizer Berecintia uma certa senhora das montanhas; por esta razão, Mãe dos Deuses, porque queriam designar o soberbo entre os deuses. 3 Por esse motivo, fazem a Mãe de Deus como modo de poder, daí se diz Cibele da mesma forma que *cid[b]os bebeon*, que é "firmeza da glória". 4 Então, a glória do poder sempre é tanto abrasada pelo amor, como também é atormentada pela inveja; e rapidamente abandona o que ama, enquanto também destrói aquilo que odeia.

Como podemos ver, o Primeiro Mitógrafo começa narrando a fábula, no item 1. Em seguida o autor já traz uma explicação mostrando o motivo pelo qual Berecintia é chamada Mãe dos Deuses, que também é a deusa Cibele. Para isso, o mitógrafo se apoia na etimologia da palavra, em que relaciona o nome Cibele com as duas palavras *cid[d]os bebeon*, expressão que significa 'firmeza da glória'.

## 2. BREVE CONSIDERAÇÕES ACERCA DA TRADUÇÃO

Na Introdução, mencionamos que o presente trabalho trata-se de uma tradução interlingual do Livro III do Primeiro Mitógrafo, do latim ao português. Nessa perspectiva, é importante citar que, de acordo com Jakobson (1973 [2003, p. 64]), a tradução pode ser classificada em três tipos: A “intralingual”, que consiste em uma mudança de signos verbais dentro de uma mesma língua; a “interlingual”, quando ocorre a mudança de signos verbais entre línguas diferentes, e a “intersemiótica”, que consiste na mudança de signos verbais para um sistema de signos não-verbais. Desse modo, no nosso estudo, propomos uma tradução interlingual que leva em conta os estudos contemporâneos dessa prática, que a concebem como uma potência que transforma e ressignifica o texto de partida.

A prática tradutória é uma atividade comum muito antiga. Os povos romanos já realizavam essa prática desde muito cedo, como, por exemplo, a primeira tradução, do latim ao hebraico, da *Septuaginta* (III a. C.) e a primeira tradução, do latim ao português, da *Odisseia* por Lívio Andronico.

Para os romanos, a prática tradutória era algo constante em suas vidas, da mesma forma que a discussão acerca desse processo, como podemos notar em Cícero, com sua obra “*De optimo genere oratorum*”, que nos oferece uma reflexão sobre a arte e a tarefa de traduzir. Assim, é possível perceber que, desde os primórdios, quando os povos mantiveram os primeiros contatos com outros povos de línguas diversas, essa prática e discussão sobre questões relacionadas à tradução faziam parte das suas vidas. Uma discussão que até nos dias de hoje está em constante debate diz respeito ao jogo de equivalências, isso porque a concepção de tradução está intimamente ligada com o conceito de *equivalência*, a partir do qual, segundo o estudo tradicional, a tradução é um “transporte de sentidos” e o tradutor um mero “instrumento para transportar esse suposto sentido”; nessa visão tradicional e logocêntrica, cabe apenas ao tradutor resgatar o sentido do texto “original” sem fazer nenhuma interferência<sup>8</sup>.

Todavia, para alguns teóricos que defendem o estudo contemporâneo da tradução, a noção de equivalência entre texto de partida e texto de chegada seria impossível, uma vez que a tradução não significa traduzir palavra por palavra. Para mais, Rodrigues (2000, p. 107) afirma que não podemos ver a prática tradutória apenas ligada à linguística, ou seja, não podemos considerar como uma substituição de palavras por palavras, pois a

---

<sup>8</sup> Cf. Mendes (2020, p. 42-50).

tradução também envolve fatores extralinguísticos, que são os históricos, culturais, ideológicos, entre outros fatores.

Dessa forma, os estudos contemporâneos sobre a tradução surgem como forma de contrapor essas noções preestabelecidas pelo pensamento tradicional, ideias estas em que o tradutor é invisível e que o texto de chegada deve apresentar o mesmo sentido do texto de partida. Contudo, com essa visão contemporânea, a prática tradutória e o tradutor passam a ser vistos de outra forma. Para isso, Walter Benjamin, em seu ensaio, *A tarefa do tradutor* [1915-1921], afirma que: “a tarefa do tradutor é redimir na própria língua, a pura língua, exilada na estrangeira, libertar do cativo da obra por meio da recriação [*Umdichtung*]”. Dessa maneira, a partir do exposto, notamos que Benjamin nos sugere a tomar a tradução como uma forma de recriação em que o tradutor é um sujeito ativo, consciente e ideológico. Assim, sua tarefa é dar vida e sobrevivência ao texto de partida por meio da recriação. Além disso, Benjamin (2011, p.115) salienta:

[...] o maior elogio a uma tradução, sobretudo na época de seu aparecimento, não é poder ser lida como se fosse um original em sua língua. Antes, a significação dessa fidelidade, garantida pela literalidade, é precisamente esta: que o grande anseio por uma complementação entre as línguas expresse na obra. [...]

A partir do exposto, conforme já estabelecemos neste trabalho, propomos a tradução do Livro III da obra, intitulada *Primeiro mitógrafo do Vaticano*, mas não uma tradução baseada nos pensamentos tradicionais, em que o tradutor ao traduzir o texto estabelece uma relação de igualdade entre o texto de partida e a texto de chegada, não podendo sofrer qualquer tipo de interferência, como se fosse uma tradução literal, ou seja, uma tradução puramente mecânica. Mas uma tradução em que o tradutor possa agir sobre o texto.

Assim, durante o processo tradutório, fizemos algumas escolhas, como o de tentar manter, na tradução, a ordem das palavras em latim, para que ficasse mais cômodo para o leitor consultar o texto latino. Da mesma forma os acréscimos, omissões, mudanças e usos de notas explicativas foram feitos, com a intenção de deixar o texto mais compreensível na língua de chegada.

Quanto às estratégias utilizadas, em alguns momentos acolhemos a tradução “*estrangeirizada*”. Nessa estratégia, conforme Venuti (2002, p. 130-31), o tradutor deve assumir uma forma de traduzir que é a de resistência contra as desigualdades culturais, logo o tradutor, ao assumir essa forma, poderá causar no leitor a estranheza da língua e o texto poderá refletir diferentes culturas, como podemos observar no mito *De deo Fatuo*

*et dea Fatua:*

1 *Quidam deus Fatuus; huius uxor Fatua; idem Faunus et eadem Fauna. 2 Dicti sunt autem Faunus et Fauna a uaticinando, unde et fatuos dicimus inconsiderate loquentes. (fab. 3, 25)*

1 Havia um certo deus Fátuo; sua esposa era Fátua; o mesmo que Fauno e Fauna. 2 Além disso, eles eram chamados Fauno e Fauna, porque estavam vaticinando; daí também dizemos *fatuus* ('estúpido') aqueles que falam sem reflexão.

Nessa narrativa, mantivemos a palavra latina *fatuus* e, também, trouxemos sua tradução logo depois. Assim, o texto pode ficar mais compreensível para o leitor bem como pode refletir a cultura do texto de partida.

Durante a tradução, além de produzirmos notas referentes às fontes utilizadas pelo Primeiro Mitógrafo, pensando também em um leitor mais especializado, produzimos notas explicativas, a respeito de alguma informação presente no texto que não estava tão clara, como a palavra *modius* na *Fabula Psyche(s) et Cupidinis*. Para um melhor entendimento, observemos a seguinte imagem:



Fonte: <https://www.imperivm.org/unidades-de-medicion-romanas-y-griegas-de-liquidos-y-volumenes/>

Nessa imagem, podemos notar um objeto cilíndrico que é chamado de módio. Essa palavra parece estranha, porém ela também existe na nossa língua, mas, como é uma palavra que remonta a uma unidade de medida antiga, julgamos importante trazer uma nota explicitando o objeto em que Psiquê escondeu sua lâmpada de azeite. Nesse momento é importante frisar também que a palavra *lucerna* ('lâmpada de azeite', 'lanterna'), presente no mesmo mito, decidimos traduzi-la por 'lâmpada de azeite', levando em consideração que mais à frente na narrativa Psiquê vai queimar seu amor com azeite quente. Além disso, poderíamos pensar em traduzir por 'candeeiro', 'lâmpião', que são lamparinas de querosene, mas acreditamos que o leitor teria dificuldade em entender, uma vez que esses objetos parecem não ser mais usados contemporaneamente. No

entanto, é importante ressaltar que não estamos procurando justificar nossas escolhas tradutórias, mas julgamos relevante trazer esses dois exemplos a fim de pôr em destaque algumas situações em que o tradutor se depara.

Ao longo da prática tradutória, portanto, foi possível perceber o quanto é difícil a tarefa tradutória, principalmente no que diz respeito a escolha das palavras, mas, cabe a nós, enquanto tradutores, dar vida e sobrevivência à obra do Primeiro Mitógrafo do Vaticano por meio da recriação.

## 2.1 Tradução do Livro III

Para a concretização da tradução que virá na sequência, um dos aspectos centrais que levamos em consideração diz respeito à edição eleita. Como referência, elegemos a edição crítica francesa de Zorzetti e Berlioz (2003), em que apresentamos nossa tradução acompanhada do texto de partida latino da referida edição. No entanto, sob a forma de cotejo, utilizamos outras edições, como a de Mai (1831), a de Bode (1834) e a de Kulcsár (1987). Além do mais, consideramos as traduções da obra em questão para as demais línguas modernas, como a de Philippe Dain (1995), para o francês; e a de Pepin (2008), para o inglês, que nos foram muito úteis para a elaboração de notas de rodapé explicativas e notas referentes às fontes utilizadas pelo Primeiro Mitógrafo para a produção de suas narrativas míticas.

### LIVRO III DO PRIMEIRO MITÓGRAFO DO VATICANO

#### LIBER TERTIVS

##### 1. *De genealogia deorum et heroum*

1 *Ophion, uel secundum philosophos, Oceanus, qui et Nereus, de maiore Thetide genuit Caelium.* 2 *Caelius genuit Saturnum, Phorcum et Rheam.* 3 *Phorcus genuit Stenn[i]lonem, Euryalen et Medusam, quae est Gorgona.* 4 *Saturnus de Rhea genuit Iouem et Iunonem et Neptunum et Plutonem.*

5 *Atlas de Pleione genuit Steropem Maiam et Electram et alias quattuor.* 6 *Iuppiter de Electra genuit Dardanum et Teucrum.* 7 *Dardanus Ilum et Assaracum.* 8 *Ilus Laomedonta et Ganymedem.* 9 *Laomedon[ta] genuit Anchisem, Tithonum, Antenorem, Antigonem, quae uersa est in ciconiam, Hesionam et Priamum.* 10 *Priamus de Hecuba, filia Dymantis, regis Thebarum, genuit Troilum et Helenium, Polydamanta, Deiphobum, Cassandram, Paridem, Hectorem; qui de Andromache genuit Astyanacta.*

### LIVRO III DO PRIMEIRO MITÓGRAFO DO VATICANO

#### LIVRO III

##### 1. Sobre a genealogia dos deuses e heróis

1 Ofíon, ou segundo os filósofos, Oceano, que é Nereu, com a primeira Tétis gerou Céu. 2 Céu gerou Saturno, Fórcis e Reia. 3 Fórcis gerou Esteno, Euríale e Medusa, que é uma Górgona. 4 Saturno com Reia gerou Júpiter, Juno, Netuno e Plutão.

5 Atlas com Plêione gerou Astérope, Maia, Electra e mais quatro filhas. 6 Júpiter com Electra gerou Dárdano e Teucro. 7 Dárdano gerou Ilo e Assáraco. 8 Ilo gerou Laomedonte e Ganimedes. 9 Laomedonte gerou Anquises, Titono, Atenor, Antígona, que foi transformada em cegonha, Hesíone e Príamo. 10 Príamo com Hécuba, filha de Dimante, rei de Tebas, gerou Troilo, Heleno, Polidamante, Deífobo, Cassandra, Páris e Heitor; que com Andrômaca gerou Astíanax.

11 Anchises de Venere genuit Aeneam. 12 Aeneas de Creusa Iulum, qui et Ascanius, † quem interfecit. 13 Ipse, post ueniens in Italiam, de Lauinia, filia Latini, desponsata Turno, genuit Siluium Aeneam. 14 Siluius Latinum. 15 Latinus Epytum, Ca[m]py<m> et Capetum. 16 Capetus Remulum et Acrota<m>. 17 Acrota Auentinum. 18 Auentinus P<a>latinum. 19 Palatinus Amulium et Numitorem. 20 Amulius genuit Iliam abbatissam. 21 Cum qua Mars concubuit et genuit Romulum et Remum. 22 Romuli uxor Hersilia, de cuius stirpe fuit Iulius.

23 Item Iuppiter concubuit cum una de quattuor filiabus Atlantis, quarum nomina non leguntur, genuitque ex ea Tantalum. 24 Tantalus de Sterope genuit Niobe<m> et Pelopem. 25 Pelops de Hippodamia, filia Oenomai, que<m> uicit curuli certamine auxilio Myrtili, genuit Atreum et Thyestem. 26 Atreus Agamemnonem et Menelaum. 27 Menelaus de Helena Hermionem. 28 Agamemnon de Clytemnestra Orestem et Iphigeniam.

11 Anquises com Vênus gerou Eneias. 12 Eneias com Creúsa gerou Iúlo, que também é Ascânio, † o qual matou. 13 O próprio Enéias, depois que chegou à Itália, com Lavínia, filha de Latino, prometida em casamento a Turno, gerou Sílvio Eneias. 14 Sílvio gerou Latino. 15 Latino gerou Épito, Cápis e Cápeto. Cápeto gerou Rémulo e Ácrota. 17 Ácrota gerou Aventino. 18 Aventino gerou Palatino. 19 Palatino gerou Amúlio e Numitor. 20 Amúlio gerou Ília, a abadessa. 21 Com esta Marte se deitou e gerou Rômulo e Remo. 22 Hersília era esposa de Rômulo, de cuja estirpe foi Júlio.

23 Do mesmo modo, Júpiter se deitou com uma das quatro filhas de Atlante, das quais os nomes não são lidos, e com ela gerou Tântalo. 24 Tântalo com Estérope gerou Níobe e Pélope. 25 Pélope com Hipodamia, filha de Enómao - o qual ele derrotou em uma corrida de carro com a ajuda de Mirtilo, - gerou Atreu e Tiestes. 26 Atreu gerou Agamêmnon e Menelau. 27 Menelau com Helena gerou Hermíone. 28 Agamêmnon com Clitemnestra gerou Orestes e Efigênia.

29 *Maior Thetis, uxor Oceani, genuit Thetidem, matrem Achillis, et Clymenem.* 30 *Clymene[n] fuit uxor Solis et genuit Phaethonta.* 31 *Item genuit Aethram.* 32 *Aethra Theseum.*

33 *Neptunus genuit Aegeum.* 34 *Aegeus Theseum.* 35 *Theseus de Hippolyta, regina Amazonum, concepit Hippolytum.* 36 *Idem genuit Demophonta.*

37 *Item <Iuppiter> concubuit cum Alcmena, uxore Amphitr<y>onis, et genuit Herculem.* 38 *Hercules de Deidamia Hyllum.*

39 *Item Agenor genuit Cadmum, Europam, Cilicem, Phoenicem.* 40 *Cadmus accepit Hermionem, filiam Veneris, uxoris Vulcani et Martis, de qua genuit Agauem, Semelem, Autonoem et Inonem.* 41 *Agave genuit P[h]entheum.* 42 *Semele Bacchum.* 43 *Autonoe[m] Actaeona.*

44 *Ino, uxor Athamantis — post Nephelem, <quae> genuit Phrixum et Hellen — genuit Learchum et Melicertam.* 45 *Cadmo successit Lycus, cuius erat uxor Antiopa, Nyctei filia, cum qua <Iuppiter> concubuit in carcere in specie satyri <et> genuit Zethum et Amphionem.* 46 *Qui*

29 Tétis, a Maior, esposa de Oceano, gerou Tétis, mãe de Aquiles, e Clímene. 30 Clímene foi esposa do Sol e gerou Faetonte. 31 Ela também gerou Aethra. 32 Aethra gerou Teseu.

33 Netuno gerou Egeu. 34 Egeu gerou Teseu. 34 Teseu com Hipólita, rainha das Amazonas, concebeu Hipólito. 36 Também concebeu Demofonte.

37 Do mesmo modo, Júpiter se deitou com Alcmena, esposa de Anfitrião, e gerou Hércules. 38 Hércules com Dejanira gerou Hilo.

39 Do mesmo modo, Agenor gerou Cadmo, Europa, Cílice e Fênix. 40 Cadmo tomou para si Hermíone, filha de Vênus, esposa de Vulcão e de Marte, com a qual gerou Agave, Sêmele, Autónoe e Ino. 41 Agave gerou Penteu. 42 Sêmele gerou Baco. 43 Autônoe gerou Actéon. 44 Ino, esposa de Atamante, — depois de Néfele, que gerou Frixo e Hele — gerou Learco e Melicerta. 45 Cadmo sucedeu Lico, cuja esposa era Antíope, filha de Nicteu, com a qual Júpiter se deitou no cárcere com uma aparência de sátiro e gerou Zetus e Anfião. 46 Este sucedeu Linco



*successit Ly[n]co et accepit Nioben, de qua genuit septem filios et totidem filias.*

*47 Item Laius de Iocasta genuit Oedipum. 48 <O>edipus de Iocasta genuit Eteoclem et Polynicem, Ismenem et Antigonem.*

*49 Item Adrastus genuit Argiam et Deip[h]yle<n>.*

*50 Item Mars genuit Parthaonem. 51 Parthaon genuit Oeneum. 52 Thestius genuit Althaeam, Toxeum et P[h]lexippum. 53 Oeneus de Althaea genuit Meleagrum et Tydeum, Gorgen et Deianiram. 54 Meleager genuit Part<hen>opaeum. 55 Tydeus Tytidem, qui fuit dux in Troiano bello.*

*56 Item Iuppiter de Latona, filia Coei, genuit Apollinem et Dianam. 57 Secundum quosdam Coeus fuit filius Titani, qui, concumbens cum Terra, genuit duodecim filios, qui insurrexere contra deos; Apollo uero et Diana, quia non consenserunt iniquitati eorum, caelestem meruere scandere currum.*

*58 Item Iuppiter concubuit cum Maia et genuit Mercurium.*

e tomou para si Níobe, com a qual gerou sete filhos e outras tantas filhas.

47 Do mesmo modo, Laio com Jocasta gerou Édipo. 48 Édipo com Jocasta gerou Etéocles, Polinices, Ismene e Antígona.

49 Do mesmo modo, Adrasto gerou Argia e Deípila.

50 Do mesmo modo, Marte gerou Partáon. 51 Partáon gerou Eneu. 52 Téstio gerou Alteia, Toxeu e Plexipo. 53 Eneu com Alteia gerou Meléagro, Tideu, Gorge e Dejanira. 54 Meléagro gerou Partenopeu. 55 Tideu gerou Tidida, que foi um general na guerra Troiana.

56 Do mesmo modo, Júpiter com Latona, filha de Céu, gerou Apolo e Diana. 57 Segundo alguns, Céu era filho de um Titã que, deitando com Terra, gerou doze filhos, que se voltaram contra os deuses; na verdade Apolo e Diana, que não estiveram de acordo com a injustiça deles, mereceram ascender em uma carruagem celestial.

58 Do mesmo modo, Júpiter se deitou com Maia e gerou Mercúrio.

59 Vulcano foi gerado a partir do sêmen [de Júpiter], ou da coxa de Juno. 60 Palas, que também é Minerva, foi gerada na cabeça de Júpiter.

59 *Vulcanus de semine, seu femore, Iunonis.* 60 *Pallas, quae et Minerua, de cerebro Iouis.* 61 *Heben genuit Iuno de Ioue, secundum quosdam de lactuca.*

62 *Item Venus de spuma testicularum Saturni, a Ioue de regno expulsi.*

63 *Item Iuppiter concubuit cum Danae, filia Acrisii, et genuit ex ea Perseum.*

64 *Item concubuit cum Leda, uxore Tyndari, in specie cygni; inde duo ova nata sunt, ex quorum altero Castor et Pollux, ex alio Clytemnestra et Helena natae sunt.*

65 *Item Lycurgus genuit Phyllidem et Archemorum.*

66 *Item Oeta de Hypsea genuit Chalciopen et Medeam et Absyrtum; unde: non Hypsea parens Chalciopeque soror.*

67 *Item Admetus de Alcesta genuit Nysam et Sthenoboeam; pro Nysa seruiuit ei Apollo septem annis.* 68 *Sthenoboeam accepit Proetus in uxorem.*

69 *Item Apollo de Coronide genuit Aesculapium.*

61 Juno gerou Hebe com Júpiter, segundo alguns, a partir de um alface.

62 Do mesmo modo, Vênus foi gerada com a espuma dos testículos de Saturno, que foi expulso do reino por Júpiter.

63 Do mesmo modo, Júpiter se deitou com Dánae, filha de Acrísio, e gerou com ela Perseu.

64 Do mesmo modo, se deitou com Leda, esposa de Tídaro, com a aparência de um cisne; daí dois ovos nasceram, de um dos quais saiu Castor e Pólux, do outro Clitemnestra e Helena nasceram.

65 Do mesmo modo, Licurgo gerou Fílis e Arquémoro.

66 Do mesmo modo, Eta com Hipseia gerou Calcíope, Medeia e Abisirto; daí: “nem com sua mãe Hipseia nem com sua irmã Calcíope”<sup>9</sup>.

67 Admeto com Alceste gerou Nisa e Estenebeia; em virtude de Nisa, Apolo serviu sete anos a ele. 68 Preto tomou Estenebeia como esposa.

69 Apolo com Corônis gerou Esculápio.

---

<sup>9</sup> Essa citação é de Ovídio (*Her.* 17, 234).

70 *Item secundum quosdam Apollo concubuit cum Ethea et genuit Circen.* 71 *Idem genuit Pasiph<a>en.* 70 Segundo alguns, Apolo também se deitou com Ethea e gerou Circe<sup>10</sup>. 71 Além disso, gerou Pasífae.

72 *Item Iuppiter concubuit cum Europa, filia Agenoris, genuitque ex ea Minoa.* 73 *Pasiph<a>e de Tauro genuit Minotaurum.* 74 *Minos de Pasiph<a>e Phaedram, A[d]riadnem et Androgeum.* 75 *A[d]riadnem, in insula a Theseo relictam, accepit Bacchus genuitque ex ea Thoanta.* 76 *Thoas genuit Hypsipylen, quae habitabat in Lemno insula.* 72 Júpiter se deitou com Europa, filha de Agenor, e gerou com ela Minos. 73 Pasífae com Touro gerou o Minotauro. 74 Minos com Pasífae gerou Fedra, Ariadne e Androgeu. 75 Baco tomou para si Ariadne, abandonada na ilha por Teseu, e com ela gerou Thoas. 76 Thoas gerou Hipsípile, que habitava a ilha de Lemnos.

77 *Item La[c]ertes genuit Vlixem.* 78 *Vlixes de Penelope genuit Telemachum.* 77 Larte gerou Ulisses. 78 Ulisses com Penélope gerou Telémaco.

79 *Item Nauplius genuit Palamedem.* 79 Náuplio gerou Palamedes.

80 *Item Teucontus genuit Telephum.* 81 *Antenor genuit Artilocum et Acamanta.* 80 Tarco gerou Télefo<sup>11</sup>. 81 Antenor gerou Artilochos e Acamante<sup>12</sup> 82 Febo gerou Mileto. 83 Mileto com Cianeu, filha de Meandro, gerou Cauno e Bíblis.

82 *Phoebus genuit Miletum.* 83 *Miletus de Cyane, filia Maeandri, genuit Caunum et Byblidem.* 84 Erecteu, rei de Atenas, que sucedeu Paidão, pai de Filomela e Procne, esposa de Tereu e mãe de Ítis, gerou Prócris e Oritia. 85 Céfalo,

<sup>10</sup> De acordo com a tradição, Circe e Pasífae são filhas do Sol com Perses, mas Circe também é identificada, às vezes, como filha de Hécate.

<sup>11</sup> De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 115, n. 625), o mitógrafo provavelmente confundiu a decendência entre Télefo e Tarco, pois, segundo os autores franceses, Télefo era filho de Hécules e rei da Mísia. Assim, parece que Télefo que era considerado pai de Tarco, sendo Teucontus uma alteração de Tarco.

<sup>12</sup> Zorzetti e Berlioz (2003, p. 115, n. 626) destaca que, embora Bode considere o nome Arquíloco, eles não encontraram nenhum Antíloco entre os vinte e um filhos de Antenor.

84 *Erechtheus, rex Athenarum, qui successit Pandion<i>, patri [uxor] Philomelae <et> Prognēs, uxoris Terei et matris Ity<o>s, genuit Procrin et Orithyiam. 85 Procrin habuit Cephalus, qui fuit de stirpe Aeoli. 86 Orithyiam rapuit Boreas et genuit ex ea Zetum et Calain.*

## 2. Fabula de duplici nomine et casu Phlegyae

1 *Phlegyae secundum Euphorionem populi insulani fuerunt satis in deos impii et sacrilegi; unde iratus Neptunus percussit tridenti eam partem insulae, quam Phlegyae tenebant, et eos obruit.*

2 *P<h>legyas autem, Ixionis pater, habuit filiam Coronidem, quam Apollo uitiauit, unde suscepit Aesculapium. 3 Quod pater dolens incendit templum Apollinis et eius sagittis est ad inferos trusus. 4 Vnde Staius: P<h>legyam subter caua saxa iacentem aeterno premit accubitu. 5 «Discite iustitiam!»: uel nunc in poenis locati.*

que foi da estirpe de Éolo, teve em sua posse Prócris. 86 Bóreas raptou Oritia e gerou com ela Zetes e Cálais.

## 2. Fábula sobre o duplo nome e o caso de Flégias<sup>13</sup>

1 Segundo Eufóron, os Flégias eram povos insulares de muita impiedade e de sacrilégio para com os deuses; por esse motivo, o irado Netuno atingiu com seu tridente aquela parte da ilha, que os Flégias habitavam, e os afogaram<sup>14</sup>.

2 Ora Flégias, pai de Ixíon, tinha uma filha, Corônis, que Apolo violou, daí gerou Esculápio. 3 Quanto a isso, o pai, sofrendo, incendiou o templo de Apolo, e, com as flechas deste, foi empurrado para os infernos. 4 Daí Estácio diz<sup>15</sup>: «Pressiona Flégias que está deitado

<sup>13</sup> Cf. Sérvio (*Aen.* 6, 618); Mythogr. 2 (132).

<sup>14</sup> Eufóron era um poeta grego da Calcídia, localizada na Eubeia.

<sup>15</sup> Essa citação está em Estácio (*theb.* 1, 713-714).

eternamente sob uma rocha oca». 5 «Aprendei a respeitar a justiça! »: ou então serão colocados em castigos<sup>16</sup>.

### 3. *Historia de Laconum filiis incertis parentibus natis*

1 *Lacones, diu bello attriti ab Atheniensibus et inopiam timentes uirorum, praeceperunt ut uirgines cum quibuscumque concumberent.*

2 *Quo facto, dum post uictoriam iuuenes parentibus nati incertis erubescerent originem suam — nam et Partheniatae appellabantur —, duce Phalantho, octauo ab Hercule, nauigiis uenerunt ad oppidum Calabriae, quod Taras, Neptuni filius, condiderat, et id auctum habitauerunt.*

### 3. História sobre os filhos dos Lacedemônios, nascidos de pais incertos<sup>17</sup>

1 Os Lacedemônios, enfraquecidos durante muito tempo na guerra contra os Atenieses e temendo a falta de homens, ordenaram que as mulheres se deitassem com qualquer homem. 2 Com esse ato, depois da vitória, enquanto os jovens, nascidos de pais incertos, tinham vergonha de sua origem, — na verdade eram chamados de *partheniatae*—, sob o comando de Phalantos, o oitavo depois de Hércules, eles chegaram de navio à cidade de Calábria, que Taras, filho de Netuno, tinha fundado, e eles habitaram nesta cidade aumentada<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Essa citação “*discite iustitiam*”, retirada do comentário de Sérvio, está presente em Virgílio (*Aen.* 6, 620).

<sup>17</sup> Cf. Sérvio (*Aen.* 3, 551); (*georg.* 4, 125); *Mythogr.* 2 (16). Sobre a origem dos Lacedemônios v.d Justino (3, 4 e 20, 1); Isidoro (*orig.* 9, 2, 81).

<sup>18</sup> A palavra *parthenos* deriva do substantivo grego *παρθένος*, que significa ‘virgem’.

#### 4. *Fabula Iouis et Thetidis et Achillis*

1 *Cum Iuppiter Thetidem ducere uellet, fata prohibuerunt, eo quod proles, quae nasceretur, Iouem pelleret regno, sicut ipse Saturnum expulerat.* 2 *Thetis dea Peleo mortali homini nupsit; ex quo genuit Achillem.* 3 *De cuius morte timens a Neptuno frustra consolatur.*

#### 5. *De nuptiis Pelei et Thetidis*

1 *<P>eleus, Aeaci uel Acei filius, [cum] Thetidem, Nerei et Doridis nimphae filiam, in matrimonium accepit omnibus diis ad nuptias inuitatis praeter Discordiam.* 2 *Quae irata malum aureum in conuiuuium iecit, inscriptum «pulcherrimae deae donum»; quo collecto inter Iunonem et Mineruam et Venerem certamen est ortum, quae*

#### 4. Fábula de Júpiter, Tétis e Aquiles<sup>19</sup>

1 Enquanto Júpiter queria se casar com Tétis, o destino o impediu, porque aquele filho, que nasceria, expulsaria Júpiter do seu trono, do mesmo modo que ele próprio havia banido Saturno<sup>20</sup>. 2 A deusa Tétis se casou com o mortal Peleu; com o qual gerou Aquiles<sup>21</sup>. 3 Ela, temendo por sua morte, foi consolada em vão por Netuno<sup>22</sup>.

#### 5. Sobre o casamento de Peleu e Tétis<sup>23</sup>

1 Como Peleu, filho de Éaco ou Aqueu, aceitou em matrimônio Tétis, filha de Nereu e da ninfa Dóris, todos os deuses foram convidados para o casamento, exceto a Discórdia<sup>24</sup>. 2 Esta irada jogou uma maçã dourada no festim, com a inscrição: «um presente para a mais bela deusa»; quando recolhida, surgiu uma disputa entre Juno, Minerva e

<sup>19</sup> Essa narrativa foi retirada de um comentário a Estácio (*achill.* 1, 91). Vd. também Mythogr. 2 (248, 16-17).

<sup>20</sup> O compilador acrescentou a seguinte passagem: *sicut ipse Saturnum expulerat.*

<sup>21</sup> O compilador também acrescentou o excerto: *ex quo genuit Achillem.*

<sup>22</sup> Esse episódio aparece em Estácio (*achill.* 1, 90).

<sup>23</sup> A fonte dessa narrativa é desconhecida. O autor Fulgêncio apresenta uma extensa interpretação alegórica desse mito, cf. Fulgêncio (*myth.* 2, 1; 3, 7)

<sup>24</sup> O substantivo *Aceus* foi visto pelo compilador como sendo uma variante do nome *Aeacus* (ZORZETTI; BERLIOZ, p. 146, n. 642).

*Iouem iudicem petierunt. 3 Ille, ne uxorem aut filias offenderet, ad Paridem Alexandrum, filium Priami et Hecubae — qui numquam dicebatur personam accepisse in iudicio — in Ida, monte Phrygiae, pecora pascentem eas misit. 4 Cui cum Iuno regnum Asiae, Minerua omnium artium scientiam, Venus quamcumque uellet mulierem promitterent, Venerem illo malo dignissimam <iudicauit>. 5 Quo facto Iuno et Minerua Troianis dicuntur iratae, spretae iniuria formae.*

#### 6-7. *Fabula de Achille et Agamemnone et mortis Hectoris*

*1 Achilles, Thetidis et Pelei filius, cum quinquaginta nauibus de Larissa ciuitate Agamemnoni et Menelao Atridis auxilium aduersus Troianos tulit. 2 Et cum plerasque per indutias Agamemnon cum*

Vênus, as quais pediram para Júpiter ser o juiz. Ele, não querendo ofender a esposa nem as filhas, as mandou para Páris Alexandre, filho de Príamo e Hécuba, — que se dizia nunca ter aceitado ninguém em julgamento — que pastoreava seu rebanho no Ida, monte da Frígia<sup>25</sup>. 4 Enquanto Juno prometeu a este o reino da Ásia, Minerva prometeu conhecimento de todas as artes, Vênus prometeu qualquer mulher que quisesse, ele julgou Vênus a mais digna daquela maçã. 5 Por causa desse fato, Juno e Minerva se tornaram iradas com os Troianos, desprezadas com a injúria de sua beleza<sup>26</sup>.

#### 6-7. Fábula sobre Aquiles, Agamemnon e a morte de Heitor<sup>27</sup>

1 Aquiles, filho de Tétis e Peleu, veio da cidade de Larissa com cinquenta navios para ajudar os Átridas, Agamemnon e Menelau, contra os Troianos. 2 E no decorrer de umas tréguas, Agamemnon,

---

<sup>25</sup> Alexandre é um outro nome para Páris.

<sup>26</sup> Sobre isso, cf. Virgílio (*Aen.* 1, 27); Sérvio (*Aen.* 1, 27).

<sup>27</sup> Esse texto parece ser composto por duas fábulas: a primeira *Fabula de Achille et Agamemnone* (1-4) e a segunda *Fabula mortis Hectoris* (5-9). A fonte desse texto é desconhecida, porém parece haver uma semelhança com o conteúdo da narrativa de Virgílio (*Aen.* 1, 483).

*exercitu suo armis loca obsederat, Achilles finitimas urbes cum suis Myrmidonibus expugnauit, inter quas Thebas et Larnesum, et pulcherrimas duas Pressidem et Gressidam adiungit sibi. 3 Interea pestilentia Graecorum exercitum inuasit; et m<onitis> Calchantis Agamemnon uictus Gressidam patri Heresi, sacerdoti Apollinis, reddidit dicens Achillem id facere debere. 4 Ac propter hoc inter eos <lis fuit> usque quo in caedem mutuam uterque exarsit exercitus, ut uix Minerua eorum contentionem sedaret.*

com seu exército e armas, tinha sitiado certos lugares, enquanto Aquiles, com seus Mirmidões, combateu cidades vizinhas, entre as quais Tebas e Lirnesso, também juntou para si as duas mais belas, Briseida e Criseida<sup>28</sup>. 3 Durante esse tempo, uma pestilência caiu sobre o exército dos gregos; e Agamemnon, por advertência de Calcas, devolveu Criseida ao pai Crises, sacerdote de Apolo, dizendo que Aquiles deveria fazer o mesmo<sup>29</sup>. 4 Por causa dessa desavença entre eles, que o exército se inflamou para o massacre mútuo, de tal forma que, com dificuldade, Minerva apaziguaria o conflito deles.

---

<sup>28</sup> As cidades de Tebas e Lirnesso estão localizada em Mysia. Tebas foi a cidade do pai de Andrômaca que Aquiles destruiu. Quanto a Lirnesso, essa é a cidade da Tróade, pátria de Briseida, a amada de Aquiles. Na verdade, não é *Pressis et Gressis*, mas Briseida e Criseida, ambas espólios de Agamêmnon e Aquiles. Contudo, Briseida é a causa da desavença entre Agamêmnon e Aquiles. Após eles terem saqueado cidades, distribuíram entre eles os espólios. Como prêmio, a Aquiles foi dada uma cativa por nome Briseida e a Agamêmnon ficou com uma outra cativa denominada Criseida. Todavia, o pai de Criseida, Crises, vai até os Aqueus para resgatar sua filha, levando incontáveis riquezas, porém Agamemnon não concorda e manda Crises embora. Diante disso, o pai da cativa Criseida pede a Apolo para castigar os Aqueus. Assim, uma pestilência cai sobre os Aqueus e, tendo consultado o adivinho Calcas, a condição para cessar esse mal seria a devolução de Criseida sem cobrar resgate, além de levar até Crise uma sagrada hecatombe.

Com essa situação, Agamêmnon se vê obrigado a devolver Criseida, mas decide tomar o prêmio (*geras*) de Aquiles, a cativa Briseida. Assim Agamêmnon tira toda a honra (*timê*) e o respeito de Aquiles. Com relação a essa desavença entre o chefe dos Aqueus e Aquiles, cf. *Iliada* (1).

<sup>29</sup> Calcas era um adivinho dos gregos durante a guerra de Troia. Na verdade não é *Heresus*, mas Crises, sacerdote de Apolo e pai de Criseida.



5 *Post hoc Achilles Troianis feliciter pugnantibus aliquandiu non repugnauit. 6 Ad extremum, uero, cum Hector uictis Graecis etiam naues eorum incenderet et in ipsis castris pugnaret, Patroclus, armiger Achillis, cum armis eius procedens ad pugnam, ab Hectore occisus est armis ablatis. 7 Quo dolore ille incitatus cum uellet pugnare et arma non haberet, a matre Thetide Vulcani arma accepit. 8 Quibus indutus cum se pugnae restituisset et plurimos Troianos occidisset, cum ipso Hectore singulari certamine congressus est. 9 Quem occisum spoliauit armis eiusque corpus currui subligatum circumferri fecit; quod Priamus auro compensatum ad humandum redemit, inermis egressus.*

5 Depois disso, Aquiles por algum tempo não lutou contra os Troianos, que lutavam com sorte. 6 No final, como Heitor, após ter vencido os gregos, tinha incendiado as naves dos gregos e tinha levado o combate para dentro de seu próprio acampamento, Pátroclo, amigo de Aquiles, com a armadura deste avançou para lutar, mas foi morto por Heitor e teve suas armas retiradas. 7 Como Aquiles, incitado pela dor, queria lutar e não tinha armas, recebeu de sua mãe Tétis as armas de Vulcano. 8 Coberto com elas, ele retornou ao combate e assassinou muitos Troianos, como o próprio Heitor foi morto em um só combate. 9 Ele despojou o morto de suas armas e fez o cadáver dele circular amarrado em sua carruagem; Príamo, por uma grande quantidade de ouro, resgatou o corpo de seu filho para prestar-lhe um sepultamento, saindo da cidade desarmado<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Cf. Virgílio (*Aen.*1, 483; 1, 487).

#### 8. De Troili casu

1 Troilu<s>, Priami et Hecubae filius, cum equos extra muros exerceret, ab Achille per insidias uulneratur; exanimis in urbem equis religatu<s> refertu<r>. 2 Cui dictum erat quod, si ad annos uiginti peruenisset, Troia euerti non potuisset.

#### 9. De uictoria Hectoris et fuga Palamedis

1 Achilles noluit expugnare Troiam, quia corruptus erat a Priamo rege promittente sibi filiam suam Polyxenam dare in coniugium. 2 Alio die uenit Diomedes, filius Tydei, et rogauit eum ut in aciem transisset; Achilles autem negabat. 3 Palamedes autem rogauit eum ut currum atque equos suos et habitum suum donaret sibi; Achilles autem donauit.

#### 8. Sobre o caso de Troilo<sup>31</sup>

1 Como Troilo, filho de Príamo e Hécuba, conduzisse os cavalos fora dos muros da cidade, ele foi ferido por Aquiles em uma emboscada; ele foi reconduzido à cidade amarrado em seu cavalo. 2 Foi dito sobre ele que, se tivesse atingido os vinte anos de idade, Troia não poderia ser destruída<sup>32</sup>.

#### 9. Sobre a vitória de Heitor e a fuga de Palamedes<sup>33</sup>

1 Aquiles não quis combater Troia, porque foi corrompido pelo rei Príamo, que prometeu dar-lhe em casamento sua filha Políxena. Um dia veio Diomedes, filho de Tindeu, e pediu para ele que entrasse no campo de batalha; mas Aquiles se recusou. 3 Então Palamedes pediu a ele que lhe concedesse a carruagem, seus cavalos e sua veste; Aquiles

---

<sup>31</sup> A fonte dessa narrativa é desconhecida. Provavelmente o Primeiro Mitógrafo se baseou em Virgílio (*Aen.* 1, 474-478) para a composição de sua história. Cf. também Sérvio (*Aen.* 1, 474).

<sup>32</sup> Para melhor esclarecimento sobre essa e outras condições para a conquista de Troia, cf. Sérvio (*Aen.* 1, 474).

<sup>33</sup> A fonte dessa narrativa é desconhecida. Provavelmente o Primeiro Mitógrafo se baseou em Virgílio (*Aen.* 2, 275) para a composição de seu mito. A respeito da história de Aquiles e Políxena, cf. Sérvio (*Aen.* 3, 321).

4 *Postquam acies directa fuit ab Hectore, ipse Hector abstulit habitum, currum et equos; inde dicit poeta indutus exuuias.*

#### 10. *Historia de Priami filio occiso a patre*

1 *Priamus ex Arisba filium uatem suscepit; qui cum dixisset quadam nocte nasci puerum, per quem Troia posset euerti, contigit ut simul parerent et Thymo<e>tae uxor et Hecuba, quae Priami legitima erat. 2 Sed Priamus Thymo<e>tae filium uxoremque iussit occidere.*

os concedeu a ele<sup>34</sup>. 4 Depois que a linha da batalha foi comandada por Heitor, o próprio Heitor levou a veste, a carruagem e os cavalos; daí o poeta diz: “revestido com os despojos”<sup>35</sup>.

#### 10. História sobre o filho de Príamo morto por seu pai<sup>36</sup>

1 Príamo teve um filho adivinho com Arisbe<sup>37</sup>; como este havia falado que uma noite uma criança nasceria, por quem Troia poderia ser destruída, aconteceu que a esposa de Timetes e Hécuba, que era a legítima esposa de Príamo, estavam dando à luz ao mesmo tempo<sup>38</sup>. Mas Príamo mandou matar o filho e a esposa de Timetes<sup>39</sup>.

---

<sup>34</sup> Na verdade, o mitógrafo parece ter confundido o nome, não é Palamedes que pede a Aquiles a carruagem, os cavalos e sua veste, mas Pátroclo, que foi morto por Heitor em combate, cf. *Iliada* (16, 40-45). Cf. Estácio (*achill.* 1, 175).

<sup>35</sup> Cf. Virgílio (*Aen.* 2, 275).

<sup>36</sup> Essa narrativa foi baseada em Sérvio (*Aen.* 2, 32), que declara ter tomado o texto emprestado de Eufóron. O título da narrativa parece não estar de acordo com o assunto narrado, pois o filho que Príamo matou não era seu, mas de Timetes. Cf. *Mythogr.* 2 (225, 2-5).

<sup>37</sup> Príamo teve um filho com Arisbe chamado Ésaco (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Príamo*).

<sup>38</sup> De acordo com uma tradição transmitida por Diodoro, Timetes é irmão de Príamo. Contudo, em uma outra tradição Timetes aparece como esposo de Cila e cunhado de Príamo (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Timetes*).

<sup>39</sup> O advinho Ésaco previu que nasceria um filho de Príamo que destruiria Troia, que era Páris. Contudo, interpretando a profecia de forma equivocada, Príamo mandou matar sua irmã (Cila), que estava dando à luz ao mesmo tempo que sua esposa Hécuba, e o filho Munipo (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Cila*).

### 11. De morte Priami uaria opinio

1 *De morte Priami uarie lectum est. 2 Alii dicunt, quod a Pyrrho in domo quidem sua captus est; sed ad tumulum Achillis tractus occisusque est iuxta Sigeum promunctorium — nam in <Rhoeteo Ajax> sepultus est —; tunc eius caput conto fixum circumtulit. 3 Alii uero dicunt, quod iuxta Hercei Iouis aram extinctus est; unde Lucanus: Herceas — monstrator ait — non respicis aras? 4 Et hanc opinionem plene Virgilius sequitur; licet etiam illam praescriptam praelibet.*

### 11. Sobre as diferentes versões da morte de Príamo<sup>40</sup>

1 Existem diferentes leituras sobre a morte de Príamo. 2 Alguns dizem que certamente foi capturado, em seu Palácio, por Pirro; mas ele foi arrastado para o túmulo de Aquiles e assassinado perto do promontório Sigeu — na verdade ele foi sepultado no <Reteu Ajax> —; então sua cabeça, espetada em uma vara, circulou de um lado para outro<sup>41</sup>. 3 De fato outros dizem, que ele foi morto perto do altar de Júpiter Herceu<sup>42</sup>; Daí Lucano: “você não vê — disse o guia — os altares de Júpiter Herceu?<sup>43</sup> 4 Virgílio também segue plenamente essa versão; embora tenha provado também aquela primeira<sup>44</sup>.

---

<sup>40</sup> Essa narrativa foi baseada em Sérvio (*Aen.* 2, 506).

<sup>41</sup> O Reteu é um promontório de Mísia, no Helesponto, onde está localizado o túmulo de Ajax.

<sup>42</sup> *Herceus* é um epíteto para Júpiter que significa “protetor da casa”.

<sup>43</sup> O autor Sérvio cita Lucano (9, 979).

<sup>44</sup> O mitógrafo adicionou a palavra *praescriptam*. Cf. Virgílio (*Aen.* 2, 550).

12-13. *Fabula Didonis et historia <S>aturni*

1 *Dido, Metonis filia, quem Virgilius Belum nominat, interfecto Acerbo, coniuge suo, quem Virgilius Sychaeum nominat, a Pygmalione, rege fratreque suo, per fugam elapsa naues ascendit cum magno pondere auri et <ad> Africae litora peruenit.* 2 *Ibi ab Iarba rege Maurorum tantum soli emit, quantum corio bouis posset metiri uel occupare, et fraude urbem uindicauit.* 3 *Nam corium in tenuissimas corrigias sectum tetendit occupauitque stadia uiginti duo.* 4 *Ob factum Byssam, postea Carthaginem, uocauit.* 5 *<S>aturnus, amissa possessione caeli, cum per totum orbem profugus erraret Iunone sociata, [et] ne longo taedio lassaret uiae, eam nymphis Africae commendauit alendam.* 6 *Ergo Carthaginem magnam Iuno semper <esse uoluit et arma currumque> ibi habuit.*

12-13. Fábula de Dido e a história de Saturno<sup>45</sup>

1 Dido, filha de Méton, a quem Virgílio chama de Belus, depois do assassinato de *Acerbus*, seu esposo, a quem Virgílio chama de Siqueu, por Pigmalião, rei e seu irmão, ela, por meio da fuga, embarcou em um navio, com uma grande quantidade de ouro, e chegou ao litoral da África<sup>46</sup>. 2 Nesse lugar, ela comprou de Iarbas, rei dos Mouros, tão grande quantidade de terra, quanto pudesse ser medida ou ocupada pelo couro de um boi, e, por fraude, reivindicou a cidade. 3 Na verdade, ela esticou o couro cortando em tiras muito finas e ocupou vinte e dois estádios. 4 Depois desse fato, a chamou Birsa, depois Cartago<sup>47</sup>. 5 Saturno, tendo perdido a posse do céu, vagava em toda a terra, como exilado, na companhia de Juno, e para não fatigá-la pelo longo tédio da viagem, ele a confiou às ninfas da África. 6 Por isso, Juno sempre

---

<sup>45</sup> No título, duas narrativas são apresentadas. A fonte desses dois textos é desconhecida. Entretanto, podemos perceber que há uma semelhança com outros textos, sobre isso cf. Virgílio (*Aen.* 1, 340; 1, 15). Além disso, para a primeira história narrada cf. Justino (18, 4-6) e Sérvio (*Aen.* 1, 342; 363; 367).

<sup>46</sup> O marido de Dido se chamava Sicarbas ou Siqueu. Cf. Virgílio (*Aen.* 1, 621); Virgílio (*Aen.* 1, 343).

<sup>47</sup> A palavra grega βύρσα (*Birsa*) significa 'pele, couro'.

possuiu essa grande Cartago ‹e quis manter suas armas e sua carruagem›<sup>48</sup>.

#### 14. *Item de Didone et condita Carthagine*

1 *Dido cum pertransiret quandam insulam Iunonis, illic accepit oraculum et sacerdotem eius secum abstulit, cum ei parum crederet promittenti sedes Carthaginis.* 2 *Quo cum uenisset, sacerdos elegit locum faciendae urbi; quo effosso, inuentum est caput bouis.* 3 *Quod cum displicuisset, quia bos semper subiugatur, alio loco effosso caput equi inuentum est; et placuit, quia hoc animal, licet subiugatur, bellicosum tamen est et uincit et plerumque concordat.* 4 *Illic ergo Iunoni templa fecerunt; unde et bellicosa est Carthago per equi omen et fertilis per bouis.*

#### 14. Da mesma forma sobre Dido e a fundação de Cartago<sup>49</sup>

1. Quando Dido estava passando pela ilha de Juno, ela recebeu um oráculo e levou consigo um sacerdote, embora ela tivesse pouca confiança nele, quando lhe prometeu o trono de Cartago. 2 Depois que eles chegaram lá, o sacerdote escolheu o lugar para construir a cidade; depois que eles escavaram, foi encontrada uma cabeça de boi. 3 Como se isso fosse insatisfatório, porque um boi sempre é trazido sob um jugo. Eles escavaram outro lugar e foi encontrada uma cabeça de cavalo; esta parecia satisfatória, porque este animal, embora seja subjugado, está apto para a guerra, vence e geralmente vive em harmonia 4. Portanto, aí eles criaram o templo de Juno; daí Cartago

---

<sup>48</sup> Cf. Virgílio (*Aen.* 1, 15-22).

<sup>49</sup> Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*Aen.* 1, 443).

não somente é uma cidade guerreira pelo símbolo do cavalo como também é uma cidade próspera pelo boi.

### 15. *De Anchise et Venere*

1 *Sciendum Anchisen pastorem fuisse et cum eo amato Venerem concubuisse, unde Aeneas circa Simoin, fluuium Troiae, natus est; deae enim uel nymphae enituntur circa fluuios uel nemora.* 2 *Quod cum iactaret Anchises, afflatus est fulmine oculoque priuatus.* 3 *Monoculus enim erat.*

### 16. *Historia Dionysii tyranni*

1 *Dionysius quidam tyrannus Siciliam totam fraude et dolo inuasit et spoliauit penitus, adeo ut etiam simulacra et templa deorum deuastaret.* 2 *Barba<m> etiam barbati Iouis abstulit et simulacrum eius uestibus*

### 15. Sobre Anquises e Vênus<sup>50</sup>

1 Sabe-se que Anquises era um pastor, e Vênus tinha se deitado com ele como seu amante, daí nasceu Enéias próximo ao Simoente, rio de Troia; na verdade, as deusas ou as ninfas dão à luz próximo a rios ou bosques. 2 Como Anquises se gabava disso, ele foi atingido por um raio e ficou privado de um olho. Na verdade, ele tinha apenas um olho<sup>51</sup>.

### 16. História de Dioniso, o tirano

1 Um certo Dioniso, o tirano, invadiu toda a Sicília pela fraude e engano. Ele a saqueou completamente, de maneira que até destruiu as estátuas e os templos dos deuses. 2 Ele até retirou a barba de um

---

<sup>50</sup> Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*Aen.* 1, 617). Cf. também Mythogr. 2 (222, 2-5).

<sup>51</sup> O compilador acrescentou o seguinte trecho: *Monoculus enim erat.*

*pretiosissimis indutum spoliauit suisque induit, dicens non debere numen in tam rigidis uestibus frigere. 3 Quadam autem die amicorum suorum quemdam interrogauit, dicens si esset felix; qui ait: «Quidni?» 4 Ille iussit illum residere in solio suo indutum uestibus regiis et tenentem sceptrum illius ac deinde gladium acutissimum, tenuissimo filo ligatum, super uerticem eius suspendi et interrogauit eum, si uideretur sibi esse beatus. 5 Qui respondit nullo modo se esse beatum, qui aestimaret se casu gladii cito moriturum. 6 Cui Dionysius: «Qualem tu — induit — nunc habes timorem, talem ego assidue patior!».*

#### 17. *Historia Reguli consulis Romanorum*

*1 Regulus consul Romanorum fuit, qui multos Afrorum bello cepit ac uinculis tradidit. 2 Hic aliquando contra eos bellum agens captus est et uinculis mancipatus; quem Romani non parui pendentes dederunt*

Júpiter barbado e saqueou sua estátua, que estava vestida com suas vestes mais preciosas e cobriu-a com as suas, dizendo que uma divindade não deveria passar frio com roupas tão rígidas. 3 Mas, um dia, um certo amigo seu o interrogou, dizendo se ele era feliz; Dioniso disse: «Por que não? ». 4 Este último ordenou a ele sentar em seu trono vestido, com as vestes reais, e segurando seu cetro; depois ele ordenou que se pendurasse uma espada muito afiada, presa por um fio muito fino, em cima de sua cabeça e o interrogou, se ele poderia estar feliz. 5 Ele respondeu que de modo algum poderia estar feliz, ele que teria em conta que morreria rapidamente com a queda da espada. 6 Dioniso disse a ele: “Agora tu tens tal medo, que é igual ao que eu suporto continuamente!”.

#### 17. História de Régulo, côsul dos Romanos

1 Régulo foi um côsul dos Romanos, que capturou uma grande quantidade de Africanos durante a guerra e ainda os trouxe acorrentados. 2 Um dia, enquanto conduzia uma guerra contra eles,



*obsides eumque a uinculis soluerunt. 3 Cum uenisset in senatum uxorque cum filiis eum osculari uellent, respondit non debere captiuum a nobili persona osculari. 4 Deinde cum pretio illum redimere uoluissent, summopere interdixit, dicens se nullo modo rei militari digne posse inseruire. 5 Sicque, ut Orosius dicit, redditus est propria uoluntate hostibus et in uincula coniectus excisis palpebris oculorum insomnis periit.*

foi capturado e vendido em correntes; os Romanos, que não se importavam pouco com ele, concederam reféns e o libertaram das correntes. 3 Quando ele chegou ao senado e sua esposa com seus filhos queriam beijá-lo, ele respondeu que um prisioneiro não devia ser beijado por uma pessoa nobre. 4 Em seguida, quando quiseram resgatá-lo com recompensa, ele proibiu-os com o maior empenho, dizendo que não poderia mais ser digno de uma função militar. 5 Desse modo, como diz Orósio, ele foi devolvido, por sua própria vontade, aos inimigos<sup>52</sup>; foi colocado nas correntes, com as pálpebras arrancadas, privado de sono, ele morreu.

#### 18. *Historia de uictoria Torquati et parricidio*

*1 Lucius Manlius Torquatus Gallum quendam singulari certamine superauit et eius sibi torquem inposuit, unde nomen accepit. 2 Hic ad urbem pergens, praecepit filio ut tantum castra tueretur; ille nacta*

#### 18. História sobre a vitória e o parricídio de *Torquatus*<sup>53</sup>

*1 Lúcio Mânlio Torquato venceu um Gaulês, em um só combate, e*

---

<sup>52</sup> Cf. Orósio (4, 10). Segundo Dain (1995), o texto de Orósio em questão nos é conhecido apenas indiretamente por meio dos escólios das *Geórgicas* de Virgílio (IV, 211), no manuscrito de Berna.

<sup>53</sup> Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*Aen.* 6, 824).

*occasione bellum aggressus uictoriam consecutus est. 3 Reuersus postea pater laudauit fortunam populi Romani, sed filium, ut dicit Liuius, fustuario necauit propter inoboedientiam. 4 Ergo saeuum securi, saeuum iure occidendi, non ferri genere; nam securi non animaduertit in filium.*

colocou o colar daquele em si, daí vem seu nome<sup>54</sup>. 2 Ele, dirigindo-se para a cidade, ordenou ao filho que protegesse somente o acampamento; este, tendo encontrado a oportunidade, entrou em guerra e conquistou a vitória<sup>55</sup>. 3 Posteriormente, tendo retornado, seu pai celebrou a fortuna do povo Romano, mas o filho, como diz Tito Lívio, ele mandou matá-lo a pauladas por causa de sua desobediência<sup>56</sup>. 4 Certamente, diz-se cruel ao machado, cruel no direito de matar, não pelo tipo de ferro; na verdade, ele não puniu seu filho com um machado<sup>57</sup>.

#### 19. Historia de Camilli uictoria

*1 Brenno duce Galli apud Alliam fluuium deletis legionibus subuerterunt urbem Romam absque Capitolio, pro quo immensam*

#### 19. História sobre a vitória de Camilo<sup>58</sup>

*1 Sob o comando de Breno, os Gauleses, após derrubar as legiões perto do rio Ália, arruinaram a cidade de Roma, exceto o Capitólio, em razão*

---

<sup>54</sup> De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 122, n. 677), o nome *Lucius Manlius* foi inserido pelo compilador, mas *Lucius* era o primeiro nome do filho. Na verdade, o nome completo de quem venceu o Gaulês em um só combate era *Titus Manlius Imperiosus Torquatus*. Em relação ao sobrenome *Torquatus*, este deriva da palavra *torques*, que significa 'colar'.

<sup>55</sup> O compilador inseriu as seguintes palavras: *bellum aggressus*.

<sup>56</sup> Sérvio cita Tito Lívio (8, 7). O compilador também inseriu as palavras *propter inoboedientiam*.

<sup>57</sup> A expressão *saeuum securi* está presente em Virgílio (*Aen.* 6, 824).

<sup>58</sup> Essa narrativa foi baseada em Sérvio (*Aen.* 6, 825). Cf. também Mythogr. 2 (239).

*pecuniam acceperunt. 2 Tunc Camillus absens dictator est factus, cum esset apud Ardeam in exilio propter Veientanam praedam non aequo iure diuisam, et Gallos iam abeuntes secutus est. 3 Quibus interemptis aurum recepit et signa, quod cum illic appendisset, ciuitati nomen dedit; nam Pinsaurum dicitur, quod illic aurum pensatum est. 4 Post hoc tamen factum rediit in exilium, unde rogatus reuersus est.*

#### 20. De septem ciuilibus bellis Romanis

*1 A Caesare consuetudinem fecit populus Romanus bellorum ciuiliu; septies enim gesta sunt. 2 Ter a Caesare: primo contra Pompeium in Thessalia; secundo contra eius filium Magnum in Hispania; item contra Iubam et Catonem in Africa. 3 Mortuo Caesare ab Augusto Octauiano contra Cassi*um* et Brutum in Philippis ciuitate Thessaliae;*

de que receberam uma grande soma de dinheiro. 2 Então, Camilo, mesmo ausente, foi nomeado ditador, já que estava no exílio perto de Árdea, por causa da divisão dos despojos dos Veientanos não feita de modo equitativo, e então perseguiu os Gauleses que partiam<sup>59</sup>. 3 Ele, após matá-los, recuperou o ouro e as insígnias; porque como tivesse pesado lá, ele deu tal nome à cidade: de fato, ela foi chamada Pisauro, porque o ouro foi pesado lá. 4 Entretanto, depois desse fato, ele voltou para o exílio, de onde só saiu quando foi chamado de volta.

#### 20. Sobre as sete guerras civis dos Romanos<sup>60</sup>

1 A partir de César, o povo Romano se habituou com as guerras civis; de fato, realizaram sete. 2 Três lideradas por César: a primeira contra Pompeu na Tessália; a segunda contra o filho deste, Magno, na Hispânia; também contra Juba e Catão na África. Após a morte de César, Augusto Otaviano liderou uma contra Cássio e Bruto em

<sup>59</sup> *Pinsaurum* é uma palavra pseudoetimológica, em que temos a formação da palavra com o verbo *pensare* ('pesar') e a palavra *aurum* ('ouro').

<sup>60</sup> Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*Aen.* 6, 832). Cf. também Mythogr. 2 (240).

*et item contra Lucium Antonium in Perusia Tusciae ciuitate; sexto contra Sextum Pompeium in Sicilia; septimo contra Marcum Antonium et Cleopatram in Epiro.*

### 21. *Historia de Atilii fortuna*

*1 Atilius quidam senator fuit, qui cum agrum suum coleret euocatus propter uirtutem meruit dictaturam; Serranus autem a serendo dictus est. 2 Hic etiam Quintius Cincinnatus est appellatus. 3 Denique idem caesis hostibus uictor effectus subactos hostes primus prae se egit.*

### 22. *De trecentis Fabiis occisis et uno superstite*

Filipos, cidade na Tessália; e também contra Lúcio Antônio na Perúsia, cidade na Etrúria; a sexta contra Sexto Pompeu na Sicília; a sétima contra Marco Antônio e Cleópatra no Epiro.

### 21. História sobre a fortuna de Atílio<sup>61</sup>

1 Um certo Atílio foi um senador que, quando cultivava suas terras, convocado por causa de sua virtude alcançou a condição de ditador; ele no entanto foi chamado Serrano por estar semeando. 2 Ele também foi chamado de Quíncio Cincinato<sup>62</sup>. 3 Finalmente, tendo massacrado os inimigos e saído vitorioso, ele foi o primeiro a fazer avançar os inimigos subjugados a sua frente.

### 22. Sobre os trezentos Fábios mortos e o único sobrevivente<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> Cf. Sérvio (*Aen.* 6, 844).

<sup>62</sup> O mitógrafo faz confusão entre os nomes *Atilius Serranus* e *Quintius Cincinnatus*, tratando como sendo a mesma pessoa.

<sup>63</sup> Essa narrativa foi baseada em Sérvio (*Aen.* 6, 845). Cf. também Mythogr. 2 (241)

1 *Trecenti et sex fuerunt de una familia Fabiorum, qui cum coniurati cum seruis et clientibus suis contra Vihientes dimicarent, insidiis apud Cremeram fluuium interempti sunt.* 2 *Vnus tantum superstes fuit Fabius Maximus, qui propter teneram adhuc pueritiam in ciuitate remanserat.* 3 *Hic postea cum Hannibalis inpetum ferre non posset, mora eum elusit et ad Campaniam traxit, ubi deliciis eius uirtus obtorpuit.* 4 *Ille est, de quo ait Ennius: unus qui nobis cunctando restituit rem.* 5 *Sciens enim Virgilius quasi pro exemplo hunc uersum posuit.*

### 23. De Marcelli uictoria

1 *Marcellus Gallos et Poenos equestri certamine superauit.*

1 Havia trezentos e seis de uma família de Fábios, que, tendo se unido com os escravos e seus clientes, lutaram contra os Veientes, e foram mortos em uma emboscada perto do rio Crémera. 2 Fábio Máximo foi o único sobrevivente, que, por causa da sua tenra idade, permaneceu na cidade<sup>64</sup>. 3 Posteriormente, como ele não podia suportar os ataques do Hannibal, ele o evitou sem demora e o atraiu para a Câmpania, onde a força dele tornou-se imóvel pelos prazeres. 4 É ele sobre quem Ênio diz: " ele foi o único que, prolongando, restaurou as coisas para nós"<sup>65</sup>. 5 Certamente, Virgílio, conhecendo esse verso, empregou como exemplo<sup>66</sup>.

### 23. Sobre a vitória de Marcelo<sup>67</sup>

1 Marcelo venceu os Gauleses e os Cartagineses em combates equestres. 2 Matou ainda o chefe dos Gauleses, Virdómaro, com suas

---

<sup>64</sup> De acordo com Zorzetti e Berlioz, este Fábio não é o mesmo apresentado até agora na narrativa, mas um de seus descendentes, denominado *Quintus Fabius Maximus Verrucosus Cunctator*, que, durante a Segunda Guerra Púnica, se sobressaiu por causa de suas ações militares.

<sup>65</sup> Sérvio cita Ênio (*Ann.* 12, 360).

<sup>66</sup> Sérvio cita Virgílio (*Aen.* 6, 846).

<sup>67</sup> Essa narrativa foi baseada em Sérvio (*Aen.* 6, 855). Cf. também Mythogr. 2 (242, 2-4).

2 *Viridomorum etiam Gallorum ducem manu propria interemit et opima retulit spolia, quae dux detraxerat duci, sicut Cossus Larti Tolumnio.*

#### 24. *De laudibus et morte alterius Marcelli*

1 *Tria secundum carmina Virgilio in iuuentute spectantur: pulchritudo, aetas, uirtus.* 2 *Significat autem Virgilius Marcellum, filium Octaviae sororis Augusti, quem sibi Augustus adoptauit.* 3 *Hic sexto decimo anno incidit <in> ualeitudinem et periit octauo decimo in Baiano et cum aedilitatem gereret.* 4 *Huius mortem uehementer ciuitas doluit; nam et affabilis fuit et Augusti filius.* 5 *Ad funeris huius honorem Augustus sescentos electos ire intra ciuitatem iussit — hoc enim apud maiores gloriosum fuerat et dabatur pro qualitate fortunae;*

próprias mãos, e trouxe de volta os ricos despojos, que um general tirou de outro general, do mesmo modo que Cosso com Lárício Tolúmnio.

#### 24. Sobre a glória e a morte de outro Marcelo<sup>68</sup>

1 De acordo com os poemas de Virgílio, três aspectos são observados na juventude: beleza, idade, virtude<sup>69</sup>. 2 Ora, Virgílio deu a entender que é Marcelo, filho de Otávia, irmã de Augusto, a quem Augusto adotou para si. 3 Ele adoeceu aos quinze anos e morreu aos dezessete em Baias, enquanto exercia a edilidade<sup>70</sup>. 4 Sua morte foi bastante dolorosa para a cidade; de fato ele não só era afável como também era filho de Augusto. 5 Para honrar seu funeral, Augusto ordenou que seiscentos escolhidos desfilassem dentro da cidade — de fato, isso era glorioso entre os maiores e era concedido conforme a qualidade da

---

<sup>68</sup> Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*Aen.* 6, 861). Cf. também Mythogr. 2 (242, 5-12). A história narrada aqui se refere a *Marcus Marcellus*, filho de Otávia e sobrinho de Augusto.

<sup>69</sup> De acordo com Zorzetti e Berlioz, o compilador cometeu um equívoco ao trocar o nome *Carminius* por *carmina*. Para os autores franceses, a palavra se refere a um gramático do século IV, que é citado diversas vezes por Sêrvio.

<sup>70</sup> Conforme Zorzetti e Berlioz, no manuscrito está “dezesseis”. Contudo, em outras fontes, aparece que Marcelo morreu com vinte anos de idade.

*nam Sylla sex milia habuit —; igitur cum ingenti pompa allatus et in Campo Martio est sepultus. 6 Ergo in Augusti adulationem quasi epitaphium dicit Virgilius.*

25. *De deo Fatuo et dea Fatua*

1 *Quidam deus Fatuus; huius uxor Fatua; idem Faunus et eadem Fauna. 2 Dicti sunt autem Faunus et Fauna a uaticinando, unde et fatuos dicimus inconsiderate loquentes.*

26. *«De portis somniorum»*

1 *Physiologia uero hoc habet, quod per portam corneam oculi significantur, qui et cornei sunt coloris et duriores ceteris membris;*

fortuna; Sylla de fato teve seis mil —; então, ele foi conduzido com grande pompa e foi sepultado no Campo de Marte<sup>71</sup>. 6 Portanto, para lisonjear Augusto, Virgílio criou de alguma maneira um epitáfio<sup>72</sup>.

25. Sobre o deus Fátuo e a deusa Fátua<sup>73</sup>

1 Havia um certo deus Fátuo; sua esposa era Fátua; o mesmo que Fauno e Fauna. 2 Além disso, eles eram chamados Fauno e Fauna, porque estavam vaticinando; daí também dizemos *fatuus* ('estúpido') aqueles que falam sem reflexão<sup>74</sup>.

26. «Sobre as portas do sono»<sup>75</sup>

1 As ciências naturais ensinam verdadeiramente isso, que os olhos são entendidos como a porta dos chifres, porque os chifres têm cores e são

---

<sup>71</sup> De acordo com Zorzetti e Berlioz, o manuscrito apresenta apenas “quinhentos”.

<sup>72</sup> Cf. Virgílio (*Aen.* 6, 861-862).

<sup>73</sup> Essa narrativa foi baseada em Sérvio (*Aen.* 7, 47). Cf. também *Mythogr.* 2 (63, 3-6).

<sup>74</sup> A palavra *fatuos* deriva do predicador verbal *fari* ('falar', 'predizer', 'profetizar').

<sup>75</sup> Essa narrativa foi retirada de Sérvio (*Aen.* 6, 893).

*nam frigus non sentiunt. 2 Per eburneam uero portam os designatur a dentibus; unde et Aeneas per eburneam emittitur portam. 3 Vel dicitur eburnea quasi ornatior porta, id est ea quae supra fortunam sunt.*

### 27. Fabula Endymionis et Lunae

*1 Endymion pastor amasse dicitur Lunam seu Dianam; qui spretus pauit pecora candidissima et sic eam in suos illexit amplexus; cuius rei mysticam quandam uolunt rationem. 2 Duplo quippe modo amasse dicitur Lunam. 3 Seu quod primus hominum cursum lunae inuenerit, unde et triginta annis dormisse dicitur, quia nihil aliud in uita sua nisi huic repertioni studuit. 4 Siue quod nocturni roris humor, quem tam siderum quam ipsius lunae uapores a<ni>mandis herbarum sucis insudant, pastoralibus prosi[n]t successibus.*

mais resistentes que os membros do corpo: de fato, eles não sentem frio. 2 Realmente, 'pela porta de marfim' se designa a boca, por causa dos dentes; daí, Eneias é liberado pela porta de marfim<sup>76</sup>. 3 Ou diz-se porta de marfim da mesma forma que se diz mais ornamentada, isto é, estas que estão acima da fortuna.

### 27. Fábula de Endimião e de Luna<sup>77</sup>

1 Diz-se que o pastor Endimião amou a Lua, ou Diana; como ela o desprezou, ele começou a pastorear um rebanho de ovelhas muito branco e, assim, a atraiu para seu abraço; queremos dar uma certa explicação simbólica para esse fato. 2 De duas maneiras, com efeito, diz-se que ele amou a Lua. 3 Ou porque ele foi primeiro dos homens que descobriu o curso da lua, daí diz-se que ele dormiu por trinta anos, porque ele, em sua vida, não se dedicou a mais nada, a não ser a sua descoberta 4 Ou porque as gotas de orvalho da noite, que os vapores -

---

<sup>76</sup> Cf. Virgílio (*Aen.* 6, 898).

<sup>77</sup> Cf. Sérvio (*georg.* 3, 391). Cf. também Mythogr. 2 (38); Fulgêncio (*myth.* 2, 16).



tanto das estrelas quanto da própria lua - exalam a partir seivas que nascem das plantas, são úteis para o desenvolvimento pastoril<sup>78</sup>.

### 28. *Fabula Berecynthiae et Attin<is>*

1 *Berecynthia, Mater Deorum, Attin puerum formosissimum amasse dicitur, quem zelo succensa castrando semimasculum fecit.* 2 *Berecynthiam dici uoluerunt quasi montium dominam; ideo Matrem Deorum, quod deos pro superbia nuncupari uoluerunt.* 3 *Et inde Matrem Deum in modum potentiae ponunt, unde Cibeles dicitur quasi cid[b]os bebeon, id est gloriae firmitas.* 4 *Ergo potentiae gloria semper et amore torretur et liuore torquetur citoque abscidit quod diligit, dum tamen amputet illud quod odit.*

### 28. Fábula de Berecíntia e de Átis<sup>79</sup>

1 Diz-se que Berecíntia, mãe dos deuses, amou Átis, um jovem muito bonito: inflamada pelo ciúmes, ela, tendo-o castrado, fez dele um eunuco<sup>80</sup>. 2 Quiseram dizer Berecíntia uma certa senhora das montanhas; por esta razão, Mãe dos Deuses, porque queriam designar o soberbo entre os deuses. 3 Por esse motivo, fazem a Mãe de Deus como modo de poder, daí se diz Cibele da mesma forma que *cid[b]os bebeon*, que é "firmeza da glória"<sup>81</sup>. 4 Então, a glória do poder sempre é tanto abrasada pelo amor, como também é atormentada pela inveja; e rapidamente abandona o que ama, enquanto também destrói aquilo que odeia.

---

<sup>78</sup> Na verdade, de acordo com outras versões, quem se apaixonou foi a Lua por Endimião, não o contrário. Sobre isso, confira-se a versão do mito apresentada por Fulgêncio (*myth.* 2, 16).

<sup>79</sup> Essa narrativa foi baseada em Fulgêncio (*myth.* 3, 5).

<sup>80</sup> Em versões mais difundidas, é Átis que se castra, tomado pela loucura.

<sup>81</sup> Berecynthia é um nome dado a deusa Cibele e está relacionado com o monte Berecinto, na Frígia, que é consagrado a Cibele.

### 29. *Fabula Psyche<s> et Cupidinis*

1 *Apuleius in libris metamorphoseon scribit in quadam ciuitate regem et reginam habuisse tres filias: duas natu maiores temperata specie fuisse, iuniorem uero, Psyche nomine, tam mirae extitisse elegantiae, ut crederetur Venus esse terrestris. 2 Denique duabus maioribus in coniugium a ui<r>is adscitis, illam ueluti deam non quisquam amare ausus erat, sed uenerari atque hostiis eam sibimet deplacare intendebant. 3 Venus ergo succensa inuidia Cupidinem petit, ut in contumacem formam seueriter uindicet; ille ad matris ultionem aduentans uisam puellam adamauit, et ipse se suo telo percussit. 4 Itaque Apollinis denuntiatione iubetur puella in montis cacumine sola dimitti et pennato serpenti sponsa destinari. 5 Perfecto igitur choragio — id est uirginali funere — puella, per montis decliuiam Zephyri flantis leni uectura delapsa, in quandam domum auream rapitur et pretiosam,*

### 29. Fábula de Psiquê e Cupido<sup>82</sup>

1 Apuleio, em seu livro *Metamorfoses*, escreveu que, em uma certa cidade, um rei e uma rainha tiveram três filhas: as duas mais velhas tinham uma beleza moderada, porém a mais jovem, por nome Psiquê era de uma elegância tão extraordinária, que se acreditava ser a Vênus da terra. 2 Finalmente, as duas maiores foram tomadas em casamento por seus esposos, mas ninguém teve a audácia de amar aquela última, que era como uma deusa; antes, os homens se esforçavam para venerá-la e agradá-la com oferendas. 3 Assim, Vênus, inflamada de ciúmes, pediu ao Cupido para que ele a vingasse severamente por sua beleza insolente; ele, vindo para vingar sua mãe, se apaixonou quando viu, a jovem e ele próprio se perfurou com sua flecha. 4 Assim, por advertência de Apolo, foi ordenado que a garota fosse deixada sozinha no topo de uma montanha para ser prometida em casamento a uma

---

<sup>82</sup> Essa narrativa foi baseada em Fulgêncio (*myth.* 3, 6). Cf. também Apuleio (*met.* 4, 28).

*ibique, uocibus sibi tantummodo seruiantibus, ignoto utebatur coniugio. 6 Nam nocte adueniens maritus, Veneris proeliis obscure peractis, ut inuise uespertinus aduenerat, ita crepuscolo incognitus etiam discedebat. 7 Sed ad huius mortem deflendam sorores adueniunt montisque conscenso cacumine germanam lugubri uoce flagitabant. 8 Et quamuis ille coniux lucifuga sororios ei comminando uetaret aspectus, tamen consanguineae caritatis inuincibilis ardor euicit ac Zephyri flantis aura uectitante ad semet sororios perducit affectus. 9 Quarum uenenosis consiliis de mariti forma quaerenda <consentiens>, curiositatem, suae salutis nouercam, arripuit; denique credens sororibus se marito serpenti coniunctam, uelut bestiam interfectura nouaculam sub puluinari abscondit lucernamque modio contegit. 10 Cumque altum soporem maritus extenderet, illa ferro armata lucernaque eruta, Cupidine cognito, dum immodesto amoris torretur affectu, scintillantibus olei ebullitione maritum succendit; fugiensque Cupido multa super curiositate puellae increpitans, domo extorrem ac profugam dereliquit. 11 Tandem multis iactatam Veneris*

serpente alada. 5 Então, foi feita uma cerimônia — que é como o funeral de uma virgem — a garota, deslizando pelas encostas da montanha com o sopro leve de Zéfiro, foi conduzida para uma casa dourada e de grande valor. Nesse lugar, tendo somente vozes para servi-la, ela teve relações com um marido desconhecido. 6 Na verdade, seu marido vindo à noite, as batalhas de Vênus eram travadas no escuro, assim, no crepúsculo, ele desconhecido também partia. 7 Mas suas irmãs vieram chorar por sua morte e, tendo subido no topo da montanha, suplicaram por sua irmã com voz lúgubre. 8 Embora o esposo, aquele que foge da luz, a tivesse proibido, com ameaças, de ver suas irmãs, mas o ardor do amor invencível ligado pelos laços de sangue venceu; levadas pelo sopro leve de Zéfiro, suas irmãs afetuosas foram conduzidas até ela. 9 Psiquê, estando de acordo com os conselhos venenosos daquelas para querer saber sobre a aparência de seu marido, se deixou tomar por uma curiosidade, sendo a madrasta de sua salvação; finalmente, acreditando em suas irmãs de que havia se casado com um marido serpente, como se fosse matar a fera, ela

*persecutionibus, postea Ioue petente in coniugium accepit.*

### 30. *Fabula Perdiccae*

*1 Perdiccas fuit uenator ferarum; qui propriae matris amore correptus, dum utrumque et immodesta libidine ferueret et uerecundia uim noui facinoris reluctaretur, consumptus atque ad extremam tabem deductus esse dicitur. 2 Primus hic etiam serram inuenit iuxta Virgilium. 3*

colocou uma faca debaixo do travesseiro e escondeu uma lâmpada de azeite em um módio<sup>83</sup>. 10 Enquanto seu marido estava deitado em um sono profundo, ela se armou com o ferro e descobriu a lâmpada de azeite, reconhecendo o Cupido; ela foi abrasada por um desejo desregrado de amor, mas queimou o marido com gotas de óleo fervente; Cupido, fugindo e dirigindo muitas censuras pela curiosidade da garota, a abandonou desterrada de sua casa e exilada. 11 Enfim, após ter sido laçada muitas vezes a perseguições de Vênus, a pedido de Júpiter, Cupido a tomou como esposa.

### 30. Fábula de Pér dicas<sup>84</sup>

1 Pér dicas era um caçador de animais selvagens; este foi tomado de amor por sua própria mãe, enquanto ele fervia por causa de um excesso de paixão e lutava discreto contra uma força de crime novo, tendo enfraquecido, diz-se que ele foi levado a um definhamento final.

---

<sup>83</sup> *Modius* era uma unidade de medida que servia para medir o trigo.

<sup>84</sup> Essa narrativa foi baseada em Fulgêncio (*myth.* 3, 2). Cf. também Mythogr. 2 (153, 2-11).

*Veritas sic se habet: cum esset uenator et ei ferinae caedis cruenta uastatio et solitudinum uagabunda currilitas displiceret, magis etiam perpendens contirones suos — id est Actaeonem, Adonem, Hippolytum — miserandae necis functos interitu, uenationem execrans agriculturam affectatus est. 4 Ob quam rem matrem, quasi Terram omnium genetricem, amasse dicitur et hoc labore ad maciem perductus.*

### 31. *Fabula Canis inter sidera[s] translati*

*1 Canis inter sidera constituti fabula haec est. 2 Hic canis dicitur ab Ioue custos Europae positus esse <et> ad Minoa peruenisse; <quem*

2 Segundo Virgílio, ele foi o primeiro a inventar a serra<sup>85</sup>. 3 A verdade é assim: embora ele fosse um caçador, não se sentia bem com o assassinato sangrento de animais selvagens, bem como com a perseguição errante, ainda mais examinando com atenção seus camaradas — que são Actéon, Adônis e Hipólito — que foram mortos de forma deplorável; ele, execrando a caça, se afeioou a agricultura<sup>86</sup>. 4 Por causa disso, diz-se que ele amou sua mãe, assim como a Terra que gera todas as coisas, e que se envolveu com este trabalho até a magreza.

### 31. Fábula de Cão transportado entre as constelações<sup>87</sup>

1 Esta é a fábula de Cão que foi colocado entre as estrelas. 2 Diz-se que este cachorro foi posto, por Júpiter, como guardião de Europa <e>

---

<sup>85</sup> Cf. Virgílio (*georg.* 1, 144).

<sup>86</sup> Todos os três caçadores, Actéon, Adônis e Hipólito, foram mortos por animais. De acordo com versões mais difundidas, Acatéon teria visto a deusa Minerva se banhar em um rio. A deusa irada o transformou em um veado, e ele foi devorado pelos próprios cães; Adônis foi morto por um Javali, mandado por Minerva; e Hipólito também foi morto por um monstro marinho, enviado por Netuno, a pedido de seu pai Teseu por achar que o filho tinha violentado Fedra, sua esposa.

<sup>87</sup> Essa narrativa foi baseada em Higino (*astr.* 2, 35, 1).

*Procris Cephali uxor laborantem dicitur sanasse et pro eo beneficio canem munere accepisse quod illa studiosa fuerit uenationis et quod cani fuerat datum, ne ulla fera praeterire eum posset. 3 Post eius obitum canis ad Cephalum peruenit, cuius uxor fuerat Procris. 4 Quem ille ducens secum, Thebas uenit, ubi erat uulpes, cui datum dicebatur, ut omnes canes effugere posset; itaque cum in unum peruenissent, Iuppiter, nescius quid faceret, ut Istrius ait, utrosque in lapidem conuertit. 5 Nonnulli hunc canem Orionis esse dixerunt et, quod studiosus fuerit uenandi, cum eo canem quoque inter sidera collocatum. 6 Alii autem canem Icari esse dixerunt.*

chegou à casa de Minos; <diz-se que aquela doente, por Prócris, esposa de Céfalos, foi curada e, em agradecimento ao serviço prestado por ele, aceitou o cachorro de presente>, porque ela tinha gosto pela caça e porque o cachorro tinha sido dado, para que nenhum animal selvagem pudesse fugir dele. Depois de sua morte, o cachorro veio para Céfalos, cuja esposa tinha sido Prócris. 4 Ele, levando este consigo, veio para Tebas, onde havia uma raposa e era permitido a esta que pudesse fugir de todos os cães; assim, quando a raposa e o cachorro vieram para o mesmo lugar, Júpiter, não sabendo o que fazer, como diz Ístrio, transformou os dois em pedra. 5 Alguns disseram que esse cachorro era o de Oríon e, porque ele tinha gosto pela caça, seu cachorro também foi colocado entre as estrelas com ele. 6 Mas outros disseram que era o cachorro de Icário.

### 32. De septem Pliadibus

1 Pliadas seu Hyadas septem stellas appellatas nouimus, Pliadae dictae, quod septem filiae ex Plione — quae et Aethra — Oceani filia et Atlante sint natae. 2 Hae numero septem dicuntur, sed nemo amplius sex uidere potest, cuius causa proditur haec: de septem sex cum immortalibus concubuerunt — tres cum Ioue, duae cum Neptuno, una cum Marte —, reliqua autem Sisyphi uxor demonstratur. 3 Quarum ex Electra et Ioue Dardanum, ex Maia Mercurium, ex Ta<y>gete Lacedaemona procreatum, ex Alcyone autem et Neptuno Hyrea, ex Celaeno Lycum et Nyctea natum, Martem autem ex Sterop[o]le Oenomaum procreasse. 4 Merop[e]a[m] autem, Sisypho nuptam, Glaucum genuisse, quem complures Bellerophontis patrem dixerunt; quare propter reliquas sorores eius inter sidera constitutam, sed quod homini nupserit, stellam eius obscuratam. 5 Alii dicunt Electram non parere pro Troia capta et progenie sua — quae ex Dardano erat —

### 32. Sobre as sete Plêiades<sup>88</sup>

1 Sabemos que as sete estrelas são chamadas de Plêiades, ou Híades<sup>89</sup>, porque são sete filhas de Plêione — que também é Aethra — filha de Oceano e Atlas. 2 Dizem que elas eram sete em número, mas ninguém pode ver mais do que seis, esta é a razão apresentada para isso: seis das sete se deitaram com imortais — três com Júpiter, duas com Netuno e uma com Marte —, mas a que resta é demonstrada como sendo esposa de Sísifo. 3 A partir de Júpiter e Electra foi gerado Dárdano, e de Maia, Mercúrio, e de Taígete, Lacedaemonia; a partir de Netuno, por sua vez, com Alcione, Hyrea, com Celeno, Lico e Nyctea nasceram; com Marte, por sua vez, Estéropé gerou Enomau. 4 Mérope, esposa de Sísifo, deu à luz a Glauco, que muitas pessoas disseram ser o pai Belerofonte; por isso que ela foi colocada entre as estrelas próximo do restante de suas irmãs, mas, porque ela se casou com um homem, sua estrela é obscurecida. 5 Alguns dizem que é Electra que

---

<sup>88</sup> Essa narrativa foi baseada em Higino (*astr.* 2, 21, 2-4).

<sup>89</sup> As Híades são um grupo de estrelas parecido com as Plêiades. O grupo dessas também é formado por sete estrelas, sendo elas: Ambrósia, Eudora, Esile (ou Fesile), Corónis, Dione, Polixo e Feo.

*euersa lamentantem. 6 Est et alia earum traditio: cum septem hae sorores iter cum puellis agerent, Orion[a] conatus est uni earum uim inferre et illa cum sororibus fugit. 7 Oriona autem secutum tradunt eam annis septem neque inuenire potuisse, Iouem autem, puellarum misertum, inter astra constituisse utrosque; itaque adhuc Orion fugientes eas ad occasum sequi uidetur.*

não aparece, lamentando por causa da captura de Troia e por causa da expulsão de sua descendência — que era a de Dárdano. E existe uma outra tradição delas: enquanto as irmãs caminhavam com as meninas entre as sete, Oríon foi tentado a atacar uma delas com violência e ela fugiu com suas irmãs. 7 Mas, segundo transmitem, Oríon a perseguiu por sete anos e não pôde ser capaz de encontrá-la, porém Júpiter, tendo compaixão pelas garotas, as colocou entre os astros; é assim que Oríon ainda é visto as perseguindo, que fogem em direção ao poente.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, optamos por traduzir o Livro III, do Primeiro Mitógrafo do Vaticano, uma tradução interlingual que possivelmente é a primeira no Brasil. Esse estudo pode ser visto como um ganho considerável para a área, uma vez que trabalhar com um autor cristão e que não faz parte dos autores vistos como cânones nos Estudos Clássicos, é de algum modo uma conquista. Assim, acreditamos que a tradução do Livro III servirá de contribuição para os trabalhos que surgirão a respeito dos Mitógrafos do Vaticano, em especial do Primeiro Mitógrafo.

Para o nosso estudo, elegemos a edição crítica de Zorzetti e Berlioz (2003), com a tradução realizada por Jacques Berlioz e com notas produzidas por Nevio Zorzetti, que contribuíram muito para nossa tradução. Além do mais, tivemos acesso a outras tanto para a tradução quanto para a produção das notas. Dessa maneira, utilizamos a edição crítica dos autores franceses supramencionados; a tradução francesa de Philippe Dain, de 1995; e a tradução Inglesa de Roland Pepin, 2008. Para a consulta de outras fontes, também utilizamos a edição de Péter Kulcsár, de 1987, e a tradução de *O livro das Mitologias de Fulgêncio*, de José Amarante, de 2019.

Durante o processo de tradução tivemos algumas dificuldades devido ao texto de partida do Primeiro Mitógrafo apresentar em sua composição diferentes fontes o que, muitas vezes, torna o texto difícil, já em outros momentos apresenta lacunas. Nessas situações, recorreremos às edições críticas e às traduções para tentar sanar essas dificuldades.

Portanto, esperamos que nossa tradução proposta sirva para fomentar outras traduções, com o propósito de suplementar as traduções existentes do Livro III do Primeiro Mitógrafo do Vaticano e também dos outros dois mitógrafos. Assim, acreditamos que nosso objetivo tenha sido alcançado: ofertar uma tradução, do latim ao português, do Livro III do Primeiro Mitógrafo do Vaticano.

## Referências

- AMARANTE, J. **O livro das mitologias de Fulgêncio**: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã. Salvador: EDUFBA, 2019.
- BASILE, B. **Mitografi Vaticani**: cento “fabulae”, a cura di Bruno Basile. Roma: Carocci, 2013.
- BENJAMIN, W. **Escritos sobre mito e linguagem** (1915-1921). São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2011.
- BODE, G. H. (ed.). **Scriptores rerum mythicarum latini tres Romae nuper reperti**. 2 vol. Cellis: Impensis E. H. C. Schulze, 1834 (repr. Hildesheim: Georg Olms, 1968).
- BÖLTING, R. **Dicionário Grego-Português**. Fac-símile da edição de 1941. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1953.
- CAVALLO, G. “Entre volumen e codex: a leitura no mundo romano”. IN: CAVALLO, G. & CHARTIER, R. **História da leitura no Mundo Ocidental**. Vol. 1. São Paulo: Ática, 2002, p. 71-102.
- DAIN, Ph. **Mythographes du Vatican I. Traduction et commentaire** Ph. Dain. Besançon: Université de Franche-Comté, 1995, p. 5-245. (Annales littéraires de l'Université de Besançon, 579).
- Módio. Disponível em:< <https://www.imperivm.org/unidades-de-medicion-romanas-y-griegas-de-liquidos-y-volumenes/>> Acesso em 05 de Novembro de 2021.
- KENNEY, E. J. **Heroides XVI-XXI/Ovídio**. Editado por E. J KENNEY. Cambridge, Cambridge Univercy press, 1996.
- FARIA, E. **Dicionário Latino-Português**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1962.
- FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: I. Os Romanos. **Cadernos de Tradução**, Vol. 2, n. 8, p. 11-28, 2001.
- GENTZLER, E. Desconstrução. In: GENTZLER, E. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de Marcos Malevezzi. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2009, p. 182-207.
- GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

- GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana** (DMGR). Tradução de Victor Jabouille. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HOMERO. **Iliada**. Traducción, prólogo y notas de Emilio Crespo Güemes. Sánchez Pacheco. Madrid: Gredos, 1996.
- JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: **Lingüística e comunicação**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 63-72.
- KULCSÁR, P. (ed.). **Mythographi Vaticani I et II**. Turnhout: Brepols, 1987.
- MAI, A. **Classicorum Auctorum E Vaticanis Codicibus Editorum, tomus 3**: complectens Mythographos tres, Fabulas Phaedri ut aiunt novas, Boethii Opuscula duo, Cassiodorii supplementum, Epigrammata vetera, Geographum veterem, Gargilii Martialis Fragmentum de Pomis, Placidi Glossas, et alia quaedam. Roma: Typis Vaticanis, 1931.
- MAURUS, S. H. **In Vergilii carmina comentarii. Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii; recensuerunt Georgius Thilo et Hermannus Hagen**. Georgius Thilo. Leipzig: B. G. Teubner, 1881.
- MENDES, G. **Tradução Comentada do Conto "Boys and Girls", Alice Murno**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2020.
- MOURA, F. M. **O apelo e a unidade épica na Tebaida de Estácio**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- PEPIN, R. E. **The Vatican mythographers**. New York: Fordham University Press, 2008.
- PORTO, E. **Dicionário de Latim Português**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 2001.
- RODRIGUES, C. C. Literatura e tradução. In: RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 97-161.
- STATIUS. **Stattius With an English translation by J. H. Mozley M. A.** In two volumes. Vol. I. Silvae et Thebaid I-IV. London: William Heinemann LTD. New York: G. P. Putnam's Sons, 1928.
- STATIUS. **Stattius with an English translation by J.H. Mozley, M.A.** In two volumes. Vol. II. Thebaid V-XII et Achilleid. London: William Heinemann LTD. New York: G. P. Putnam's Sons, 1928.

VENUTI, L. A formação de identidades culturais. In: VENUTI, L. **Escândalos da tradução**. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Bauru, São Paulo: EUSC, 2002, p. 129-165.

VIRGÍLIO; GREENOUGH, J. B. **The Bucolics, Aeneid, and Georgics Of Vergil**. Boston: Ginn & Co, 1900.

ZORZETTI, N.; BERLIOZ, J. **Premier Mythographe du Vatican texte établi par N. Zorzetti et traduit par J. Berlioz**. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

ZORZETTI, N. **La Costruzione medievale della mitologia classica**. Studi sul testo e le fonti dei Mitografi Vaticani I e II. 1 Fabularius A [Premier Mythographe], Trieste, 1988.

ZORZETTI, N.; BERLIOZ, J. **Primer Mythographe du Vatican, texte établi par N. Zorzetti et traduit par J. Berlioz**. 2 ed. Paris: Les Belles Lettres, 2003.